

Título: Os dez anos de alfabetização
no Embu

Data: 1995

Autor: CEPIS

Observações: Existe uma versão
digitalizada na
internet, porém está
incompleta.

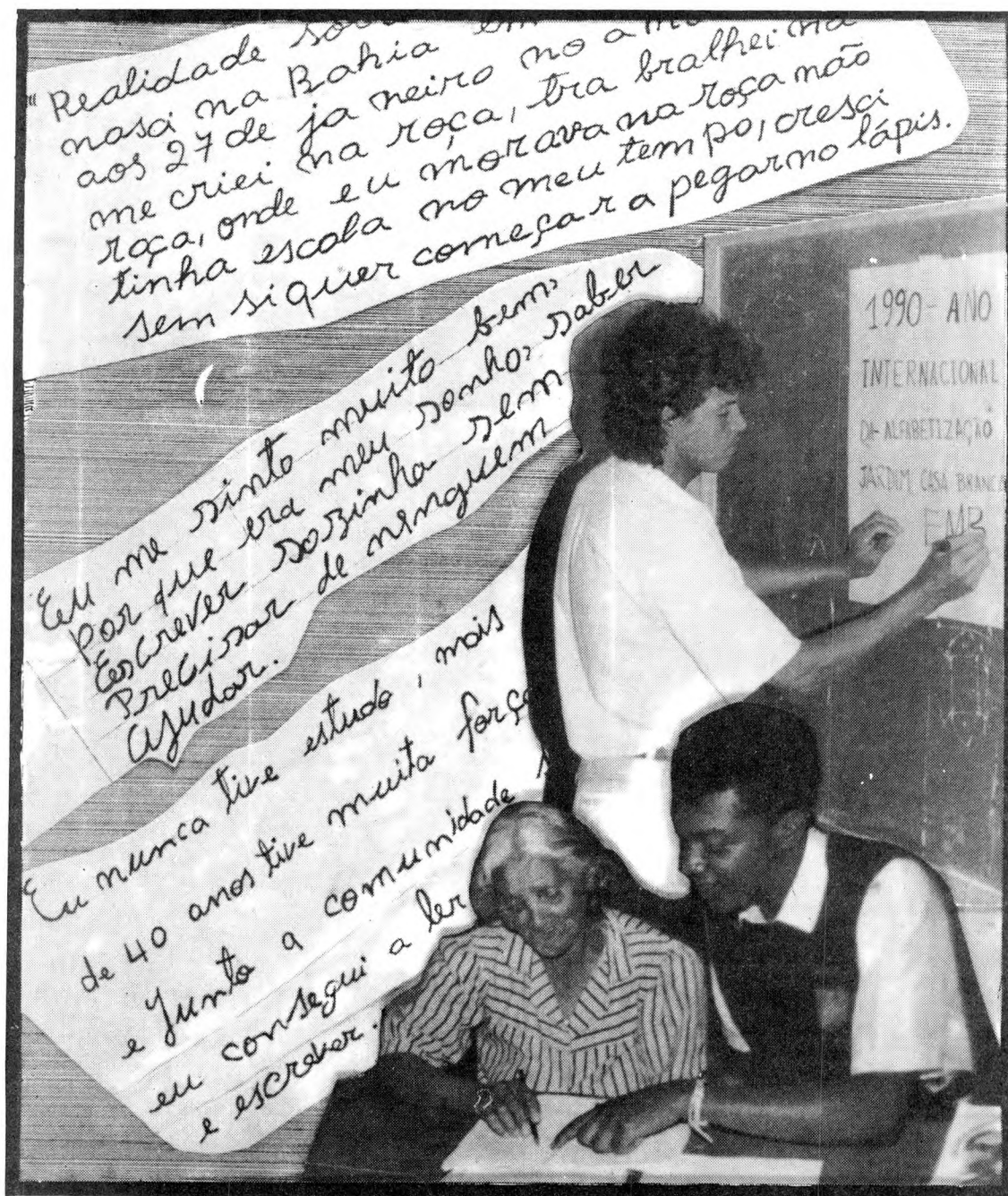
Enquanto essa está
totalmente completa,
optamos por digitalizar
esse documento.

[WOC Nº 019]

cepis

CENTRO DE EDUCAÇÃO POPULAR DO INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE

Os dez anos de Alfabetização no Embu



AGRADECIMENTOS

*À Ir. Iolanda Setúbal, que deu início ao trabalho
de Alfabetização do CEPIS*

*À Maria Aparecida Romano que, de onde está, de
ve acompanhar com alegria o nascimento deste li
vro, fruto também de seu trabalho junto ao povo*

*A todos os educandos e educadores que participa
ram desse processo*

Dez Anos de Alfabetização no Embu

I N D I C E

	Pág.
1ª Parte : DIRETRIZES DO TRABALHO	
1. Alfabetizar: ato de construir ou de inibir?	03
2. A história da alfabetização no Embu	06
3. Vivendo e aprendendo	08
4. Leitura do mundo - Leitura da Palavra	14
5. Começando o trabalho	17
5.1 Partindo do que o aluno sabe...	17
5.2 Por que definir o nível de escrita de cada alfabetizando	18
5.3 Os níveis de conhecimento da escrita	19
6. O nome do aluno	27
 2ª Parte: A PALAVRA DOS ALFABETIZANDOS	
1. A luta do Analfabeto	35
2. Minha vida	37
3. A caneta e a enxada	39
4. A vida do trabalhador	40
5. Movimento popular e alfabetização	42
6. Festas juninas	45
7. Noite de lua	48
8. O negro	53
9. O Capim - canto dos lavradores de Goiás	55
10. O pacote e as eleições	59
11. O rei café	61
12. O Natal	63
13. Redação livre	65
 3ª Parte: ATIVIDADES REALIZADAS EM SALA AULA	 71

DIRETRIZES

DO

TRABALHO

1ª Parte

1. "ALFABETIZAR - ATO DE CONSTRUIR OU DE INIBIR?"

Nos últimos dez anos, muito se tem escrito sobre alfabetização. Muitas perguntas têm sido feitas. Quem alfabetiza? É a ação de um monitor ou professor? É também a ação do aluno, seja ele adulto ou criança?

Através da contribuição de psicólogos, lingüistas, pedagogos e também da prática em sala de aula, sabemos hoje que a alfabetização se dá numa ação conjunta. O aluno, quando chega, já domina a "fala". Cabe ao professor criar as condições favoráveis para que o educando possa, aos poucos, dominar o código-escrita.

Fala-se muito em método. Tem professor que diz com orgulho: - "Eu tenho o meu método!" Mas só a aplicação de um método é suficiente? Acreditamos que não. E por isso relatamos aqui o que aconteceu com um dos grupos de alfabetização do Embu, em 1988. Os dois monitores do Grupo e os alunos se juntaram à população do bairro para lutar pelo supletivo noturno. E conseguiram. Os alunos da alfabetização, felizes com a vitória, passaram então a frequentar o supletivo. Mas, logo ao iniciar o curso, tiveram uma desagradável surpresa. Eles, que já eram considerados do nível alfabético de escrita, tiveram que voltar para trás, como se nunca tivessem frequentado uma escola. Vamos dar o exemplo de D^a Josefa. Ela havia deixado registradas no nosso caderno de classe várias redações.

Vamos aqui transcrever uma delas, onde resgata sua história de vida.

Redação da minha terra Baínha
 a onde eu nasci Baínha terra
 de semora hoje cinto
 saldade e não posso voltar
 nasci mecribe a predi
 alutar junto com meu pai
 e meus irmãos
 trabalhamos na roça
 para plantar milho e
 feijão e mandioca e digo que
 a gente vive gente casada
 que vive da roça Baínha
 terra querida do meu pai
 Bom momento da minha vida
 deixo meu pai minha mãe
 gente querida gente Mendes
 da Silva
 turma da noite dia 16
 3/88

Como se vê, D^a Josefa estava no nível alfabético. Com o tempo, e sob a orientação de uma professora capacitada, ela poderia alcançar o nível ortográfico. Mas não foi isso que aconteceu. D^a Josefa e seus colegas de alfabetização tiveram que abandonar aquele exercício de redação livre a que estavam acostumados e foram obrigados a seguir uma cartilha - a mesma usada pelas crianças do período da manhã daquela escola. E em vez de trabalhar com as "palavras-chaves" de sua história de vida - "milho", "feijão", "mandioca", "roça", "pai", "irmão", "lutar", "saude", D^a Josefa passou a soletrar palavras como "bola", "peteca", "macaco".

O que foi que aconteceu? Por que esse retrocesso? Falta de método não foi, porque a professora seguia religiosamente a cartilha.

Desse fato podemos concluir que há duas maneiras de alfabetizar. A dessa professora, que pode ser chamada de **condutivista**. Ela parte do pressuposto de que o aluno não sabe nada e procura a escola para receber ensinamentos.

- o **ponto de partida** é a cartilha.
- o **processo de aprendizagem** se resume na decifração do **código** que o aluno não conhece, que é a **escrita**, e na leitura desse código.
- como ele vai escrever errado, terá que corrigir sempre, copiando o certo e eliminando o erro. Ele aprende treinando. Ao professor cabe assinalar o erro do aluno.

Sobre esse tipo de conduta, conta-se a história de uma professora que, quando passava redação para a classe, dizia: - "É melhor escrever menos para errar pouco!" Queira Deus que essa professora não esteja por perto de nós!

A outra maneira de alfabetizar segue a linha **construtivista**. Ela parte do pressuposto de que o aluno não é totalmente analfabeto. Ele pega o ônibus para ir para o trabalho, escolhe produtos na prateleira do supermercado, distingue as propagandas, os nomes das lojas, percebe o sentido de letreiros, de cartazes...

- o ponto de partida, nessa 2^a proposta, é a realidade do aluno, aquilo que constitui seu universo vocabular e pelo que ele se interessa: documentos pessoais, seu nome, nome das pessoas da família, contas de luz, de água, as cartas que recebe, produtos que ele deve comprar, sua história de vida, suas dificuldades, projetos...
- nessa proposta, o importante a considerar é, antes de tudo, o sentido, o significado que as palavras têm para o aluno, e depois passar à decifração do código-escrita.

O monitor vai, por isso, incentivar a "fala" do aluno e ajudá-lo, aos poucos, a transcrever essa fala para o código-escrita.

- como o aluno parte sempre do que sabe para aquilo que ele quer aprender, seu processo de aprendizagem vai ser **construtivista**. Ele vai **construir aos poucos a sua escrita**.
- seus erros serão considerados **erros construtivos**, porque ele estará vencendo etapas ao escrever, até alcançar o nível ortográfico.

- o papel do professor será o de fazer o aluno refletir sobre o que escreveu, comparar com o nível ortográfico, e ir ele mesmo corrigindo sua escrita.

A P R E S E N T A Ç Ã O

No decorrer de 1990 amadureceu entre nós, monitores de alfabetização do Embu, a idéia de publicar um livro contando a experiência de 10 anos de trabalho de educação popular no Município. Este trabalho foi resultado direto da necessidade sentida pelos agentes de pastoral e participantes do Movimento Popular que viam o seu crescimento limitado pela participação de muitos analfabetos. Nas Comunidades de Base, o problema também era sentido: as pessoas recusavam o folheto para acompanhar as celebrações e não se sentiam à vontade nos grupos de reflexão, que se reuniam principalmente no tempo de Natal e Campanha da Fraternidade.

2. A HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO EMBU

A alfabetização no Embu, com o apoio e orientação do CEPIS, teve início em 1981 nos centros comunitários do Jardim Sílvia, Jardim Valo Verde e Jardim In dependência. No início éramos: Miúra, seminarista, Irmã Marina, Augusta, Margarida e eu, Ana Maria.

A equipe de coordenação da Paróquia Todos os Santos, analisando a situação das comunidades e dos movimentos, pensou na necessidade de se iniciar uma alfabetização que não fugisse da realidade, quer dizer, que estivesse ligada à vida do povo. Percebíamos que o MOBRAL era um jeito que o governo tinha achado para "tapar" mais a cabeça do povo. Pedimos, então, a assessoria do CEPIS, que enviou a **CIDA ROMANO** para dar o curso de capacitação de monitores.

Eu já tinha uma experiência em alfabetização desde 1978, dentro de uma fábrica de fios - REAL. Era monitora numa classe de 20 operários. Homens cansados do trabalho, mas cheios de boa vontade. Eu era obrigada a seguir o programa do MOBRAL, mas mudava o que podia, pois já tinha alguma noção do método Paulo Freire. Quando a supervisora do MOBRAL passava, a gente disfarçava. Foi um dos trabalhos mais bonitos que fiz. Hoje ainda me lembro dos rostos e dos nomes dos alunos.

Em 1982, sob a orientação do CEPIS, comecei um trabalho na CEB do Jardim Sílvia, onde morava. A experiência deu muitos frutos! Desse grupo saiu a SAB (Sociedade Amigos do Bairro); o Clube de Mães; a luta por creche. Atualmente, são antigas monitoras e alunas da alfabetização que dirigem a creche do bairro. Até hoje muitos procuram a alfabetização, pois os cursos noturnos do estado não se interessam pelos analfabetos adultos.

Desde a primeira semana, Margarida, monitora da Comunidade Santa Emília, começou a trabalhar os "slides" da realidade, cenas da vida nordestina, que provocavam a "fala" dos alunos. O debate era animado, cada um falava da sua ter

ra, dos costumes, das festas. Às vezes discordavam dos termos, pois em cada lugar as coisas tinham nomes diferentes. O "slide" da CASA DA FARINHA, por exemplo, dava muita conversa - "mandioca", "aipim", ou "macaxeira" pra fazer farinha e o jeito de fazer mudava, de acordo com o lugar. Aprendemos muito com eles.

Os nordestinos gostavam muito da "leitura do mundo". Na troca de experiências conseguiam resgatar suas histórias de vida, recuperar suas raízes.

Nós não nos sentíamos como professoras. A gente conversava muito e era amiga de todos.

Acreditamos que com essa maneira de trabalhar em educação, nós conseguimos valorizar as pessoas, o seu saber. O importante que nós aprendemos com o prof. Paulo Freire é que o ponto de partida deve ser sempre a realidade do aluno, o seu dia-a-dia. A partir daí, ele vai ampliando sua visão e percebendo que suas dificuldades são semelhantes às de todos aqueles que com ele compartilham as mesmas condições de vida. Ao mesmo tempo, ele vai percebendo que, com a organização e a luta de todo o povo, essa situação pode ser mudada.

Ana Maria dos Santos

Jardim Sílvia - EMBU

3. VIVENDO E APRENDENDO

Os monitores

São na maioria mulheres, que se repartem em muitas: a mãe, a esposa, a dona-de-casa, a catequista, a alfabetizadora, a militante da esperança.

Que força as impulsiona? De que são feitas estas mulheres?

As respostas estão nestas histórias de vida que elas mesmas contaram:

Jeane trabalha em uma creche das 10 da manhã às 6 da tarde, chega em casa, deixa as crianças e as coisas, pega seu material e vai alfabetizar. Fica feliz quando chega na sala e ela está cheia de alunos.

Edite trabalha na Comunidade, na Sociedade Amigos de Bairro, dá escolha para crianças em sua casa e alfabetiza adultos. Tem orgulho de tudo o que faz.

Geuda participa da Comunidade do Valo Verde, é monitora de alfabetização há dois anos e gosta muito deste trabalho. Também participa no grupo de tecelagem. E, como ela diz, gosta tanto de viver sorrindo com todos e feliz com tudo que, quando tem tempo, gosta de escrever uns versinhos como estes:

O rio vive no torno
O peixe vive no mar
Eu vivo neste mundo
Somente pra te amar.

A fita para ser fita
Não precisa duas cores
O homem para ser homem
Não precisa dois amores.

A **Odilene**, quando foi morar no Bairro do Jardim Casa Branca, começou a frequentar as missas e celebrações na Sociedade de Bairro, espaço cedido à Comunidade de São Sebastião. Ao término de um encontro realizado em sua casa, começou a acompanhar o Grupo Eclesial de Base. Foi convidada a trabalhar com a Alfabetização de Adultos. Passou a conhecer as pessoas à medida que as visitava para convidá-las a estudarem. Sua classe teve início no dia 30 de maio de 1988, com 25 adultos, todos trabalhadores. Após o curso de capacitação que fez no CEPIS, passou a ter segurança em seu trabalho, que considera "uma das lutas conquistadas dentro de sua comunidade". A necessidade de desenvolver este trabalho transforma dor da realidade social e política, bem como seu espírito de luta, levaram-na a continuar os estudos.

Conceição nasceu em Minas Gerais. Não conheceu nem pai nem mãe e foi criada na roça pelo tio. Com 15 anos veio para São Paulo. Trabalhou muito tempo em casa de família onde foi muito explorada. Estudou até a 5ª série ginásial. Começou a participar do Clube de Mães do Valo Verde, passou pela Liturgia e depois

iniciou o trabalho de Alfabetização de Adultos. Tem cinco filhos. "Toda a vida, diz ela, queria ser uma pessoa que pudesse ajudar todo mundo." Agora surgiu a oportunidade. Começou a ensinar adulto a ler e escrever e assegura que aprendeu muito com eles.

A Nice é do interior da Bahia, seus pais trabalhavam na roça para um fazendeiro. Tentando melhorar de vida, foram para Salvador. Lá moraram num quarto emprestado, depois seus pais foram contratados por um fazendeiro advogado para cuidar de uma fazenda que ele possuía perto de Candeias. Depois de uns quatro anos de muita exploração, seus pais foram despedidos sem receber absolutamente nada. O tio fez reclamação no Ministério do Trabalho e seu pai ganhou a causa. Com o dinheiro, compraram um pequeno lote perto da cidade, onde foram morar. Ali, Nice entrou na escola. A família passava dificuldades, até fome. Conseguiu chegar até a 7ª série. Aos 15 anos casou-se, aos 16 teve o primeiro filho, aos 17, o segundo. Em 1973 veio para São Paulo, unindo-se ao marido que viera antes. Em 1978, com mais um filho, mudaram-se para o Embu. Em 1983, Nice começou a participar da Comunidade e não parou mais. Colabora com alguns trabalhos, como o Grupo de Mulheres, Crisma, Liturgia e há quase dois anos com a Alfabetização de Adultos.

Glória nunca se afastou da Comunidade, primeiro em São Pedro, na Bahia, participando dos cultos dominicais, pois era difícil o padre vir celebrar missa. A semana passava trabalhando na roça. Depois que fez a 5ª série, não pôde mais estudar e arrumou uma vaga na prefeitura para trabalhar com as crianças que moravam na roça e não tinham acesso à escola.

Em 1976, veio para Diadema; em 1978, para o Embu, onde começou a participar do Clube de Mães do Valo Verde. Começou a frequentar o grupo de mulheres e continua ativa nas celebrações e na alfabetização. Glória afirma que "A luta continua" e acrescenta, na história que fez de sua participação na Comunidade, estes versos:

Papai com trinta anos
Nos deixou grande saudade
Porque Deus fez outro plano
E o levou pra eternidade

Mamãe com 25 anos
E cinco filhos pra criar
com uma humilde casinha
E a roça pra trabalhar

Eu sendo a mais velha
Com sete anos de idade
Comecei para uma longe escola
Com muita dificuldade

Tudo passou muito lento
Foi muito sofrimento
As esperanças das roças
A chuva era pouca e o sol quente

Agora tudo mudou
Gosto de rezar trabalhar
E ajudar o próximo
Estou no Clube de Mães
Celebração e Alfabetização

Minha cabeça gira como uma bola
Filhos pra ir à escola
O pequeno pede colo
Ainda é o marido que bebe
Pra completar a sacola

No relato dos monitores, fica evidente a alegria com que realizam o trabalho de alfabetização. No contacto com os alunos, eles não só resgatam a dignidade e o valor pessoal de cada um, mas resgatam o seu próprio valor, a sua própria dignidade de seres humanos, quem sabe quantas vezes humilhados e espezinhados.

"Tenho só alunas donas-de-casa que não tiveram oportunidade de ir à escola. Está sendo muito gratificante, sinto-me muito feliz a cada nova palavra que elas aprendem, a cada frase que conseguem passar para o papel." (Nice)

"... está sendo difícil, mas gosto muito, pois sinto prazer em compartilhar com os outros o que sei. E fico muito feliz quando chego na sala e está cheia de alunos."

(Jeane Alves)

Quase todos ressaltam o quanto aprendem com o alfabetizando:

"É um universo novo para mim, aprendo muito com os alunos". (Nice)

"Quando pedimos para falar da terra de cada um, a gente fica sabendo de muita coisa. Como quando trabalhamos a festa junina. Foi tão divertido." (Maria Conceição)

"Gostei muito de ingressar na alfabetização porque a gente é vivendo e aprendendo, fazendo novas amizades." (Maria Conceição)

Também se referem ao clima de amizade, de companheirismo que se estabelece entre o monitor popular e os alfabetizandos:

"Minhas alunas e eu temos um tratamento de muito respeito. Procuro sempre ver as dificuldades de cada uma, quer na alfabetização ou na vida pessoal." (Nice)

Todos têm consciência da importância de seu trabalho na criação de uma consciência crítica e no fortalecimento dos movimentos populares.

"Sempre tento que elas vejam as coisas que estão acontecendo à sua volta, ou seja, pro

curo sempre fazer com que elas tirem a venda dos olhos." (Nice)

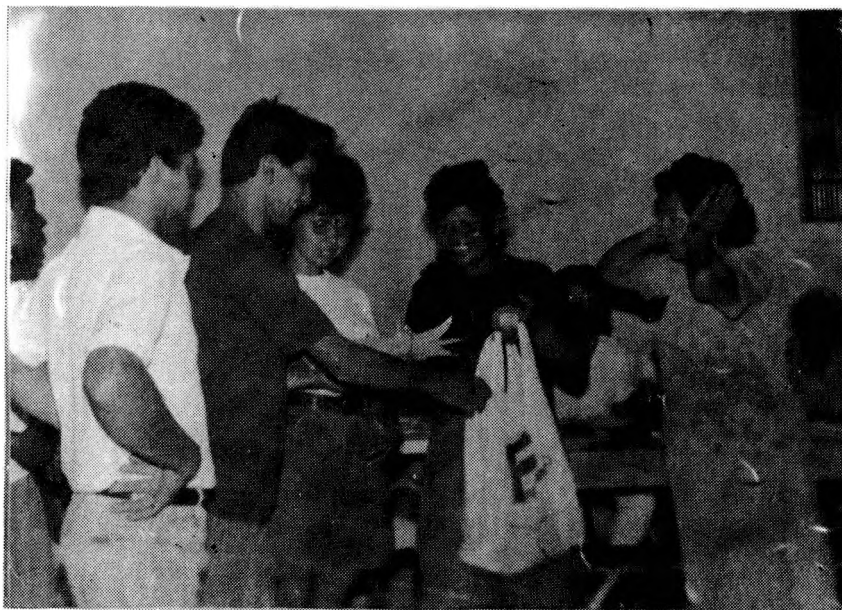
"Tive a satisfação de saber que as pessoas que deixam a alfabetização dão continuidade aos estudos. Elas participam de movimentos populares. A alfabetização fortaleceu os trabalhos comunitários e populares dentro dos bairros, nas SABs, nos sindicatos."

(Ivanilda)

"A alfabetização é uma das lutas conquistadas dentro da nossa Comunidade. Foi através desse espírito de luta que também passei a continuar meus estudos, sentindo necessidade de desenvolver esse trabalho transformador dentro da realidade física, social e política." (Odilene)

E, também, têm sempre presente a importância histórica de seu trabalho, como bem sintetizam os monitores Ivanilda e Luiz.

"A iniciativa de trabalhar com adultos surgiu de minha própria família. Minha mãe era completamente analfabeta e meu pai, semi. Só então percebi que, além de crianças alfabetizadas para construir o futuro, deveríamos alfabetizar o adulto para resgatar o passado, registrar e mudar o presente." (Ivanilda - Jd. Taima)



"O Povo na Política"
Sala de Aula do Luiz - Jardim Taima

"O que nós trabalhamos, o que conseguimos desenvolver este ano foi o senso crítico e político, além da leitura e da escrita."

Dentro da sala de aula, cada aluno colocava os seus problemas: falta de ônibus, salário, as dificuldades de sair cedo para trabalhar e voltar tarde, etc..

A partir destes temas foram se desenvolvendo discussões

e debates que ajudaram na conscientização de todos.

Para ajudar neste trabalho, elaboramos uma pequena peça de teatro. Cada um escolheu a personagem que queria interpretar e trabalhou sua linguagem. A peça se chamou : O povo na política.

Além de eles mesmos terem trabalhado a linguagem de cada personagem, também se incumbiram de compartilhar tudo aquilo com seus vizinhos e familiares e chamaram outras pessoas para participarem do nosso debate.

Agora, antes de votarem, procuram conhecer a vida de seus candidatos.

Nós, monitores, estamos muito felizes e otimistas porque, quanto mais pessoas alfabetizarmos, estaremos preparando uma nova virada neste nosso Brasil, tão rico de pessoas cheias de idéias que, por não serem alfabetizadas, não conseguem expor estas idéias, achando-se inferiores."

(Luiz - Jardim Taima)

O monitor Paulo, do Taboão da Serra, fez uma descrição de como se desenvolve o trabalho de alfabetização na Paróquia São João Batista:

"Somos um grupo de pessoas que pertencem à Paróquia São João Batista e que já participaram de outras pastorais em nossas comunidades e fomos convidados para participar também desse trabalho de Alfabetização de Adultos. Em cinco comunidades desa paróquia, temos núcleo de alfabetização de adultos, com 2 horas por dia e 3 noites por semana. O número médio de alunos é de 10 a 20 por comunidade, com idades de 15 a 70 anos. Atendemos donas - de - casa, operários, na maioria migrantes nordestinos, num total aproximado de 70 adultos. Como monitores, nos reunimos uma vez por mês para avaliação dos trabalhos e troca

de experiências.

O objetivo do trabalho é que, além de aprenderem a ler e escrever, os alfabetizados criem uma consciência crítica para que possam viver melhor na sociedade e também tentar formá-los para lutar em movimentos populares. (Paulo - Paróquia São João Batista)

4. "LEITURA DO MUNDO - LEITURA DA PALAVRA"

Desde o início do nosso trabalho no Embu, seguimos as orientações da das no curso de capacitação do CEPIS.

Dentro do pensamento do prof. Paulo Freire, o primeiro passo desse trabalho era uma pesquisa com os futuros alfabetizandos para conhecê-los e extrair das entrevistas feitas o "universo vocabular" do grupo.

Em seguida, elaborávamos "slides" para, com eles, realizar a leitura do mundo, com a finalidade de resgatar a história de vida de cada aluno. Também elaborávamos "slides" com as palavras-geradoras, os quais eram utilizados no decorrer do trabalho de alfabetização.

A partir de 1989, a equipe de alfabetização do CEPIS, com base no estudo da contribuição de Emília Ferreiro e dos linguistas, propôs novas orientações, com as quais nosso trabalho experimentou um grande avanço.

A primeira parte do nosso trabalho - a pesquisa e a leitura do mundo - se enriqueceu. Antes, o trabalho específico de alfabetização se baseava em fichas pré-elaboradas, às quais nos agarrávamos, como monitores, limitando o trabalho inicial de leitura do mundo. Hoje, com a contribuição de Emília Ferreiro, nosso trabalho tornou-se mais criativo, dinâmico, despertando mais a participação do educando no seu processo de alfabetização.

ETAPAS DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

1. **A pesquisa** - Iniciamos o nosso trabalho com a visita às pessoas que querem ser alfabetizadas. Os convites são feitos nas Comunidades de Base, nos Movimentos Populares ou por pessoas que já conhecem a alfabetização.

A **visita** é um momento importante para se conhecer as condições da família, sua procedência, as dificuldades que enfrenta. Indagamos sobre o **passado** da pessoa, de onde veio, como era a vida lá, do que vivia e porque resolveu vir para São Paulo.

É o momento de **resgatar a história**, conhecer a cultura do alfabetizando, seus valores, seu saber, pois a maioria deles são migrantes, procedentes de Minas Gerais e dos estados do Nordeste. Durante a conversa, a pessoa conta porque veio, como foi a mudança, o choque da chegada na cidade grande, as dificuldades enfrentadas. Ela mesma passa a falar do seu **presente**, de como organizou a vida da família, quantos trabalham, se os filhos estudam. E, falando do presente, diz porque quer aprender a ler e a escrever. O monitor, então, faz as perguntas sobre o que chamamos de **futuro**. Ele procura saber se o entrevistado

está em algum movimento popular, algum tipo de organização, por que participa, o que pretende com isso. É para saber se o alfabetizando acredita numa mudança, na força de organização do povo, na construção de um futuro com mais justiça, mais igualdade.

2. **O universo vocabular** - Através dessa visita-pesquisa, o monitor vai percebendo quais são as palavras-chaves dos futuros alunos, que podem servir de "força-motriz" no resgate de sua história de vida e na elaboração "falada" e "escrita" do seu processo de alfabetização. Desde esse momento, o alfabetizando já é considerado como o **sujeito desse processo educativo**, pois as palavras utilizadas durante todo o processo serão as **suas palavras**.

A partir dessas palavras-chaves, surgidas na conversa com as pessoas, são elaborados "slides", que irão servir, num 1º momento, para a "leitura do mundo" e, no 2º momento, para a "leitura da palavra".

3. **A "leitura do mundo"** - A leitura do mundo, segundo o prof. Paulo Freire, precede a leitura da palavra e a leitura da palavra está contida na leitura do mundo. A palavra que eu digo sai do mundo que eu estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele e tem vida própria.

O ato de ler o mundo implica numa leitura dentro e fora de mim.

Diante de um slide que mostra uma pracinha qualquer do interior nordestino, por exemplo, os alfabetizandos fazem uma leitura a partir daquilo que têm dentro de si, do seu mundo.

Mas, ao fazer essa leitura **subjetiva**, eles estão fazendo, ao mesmo tempo, a leitura de uma realidade que está fora deles, **objetiva**. Momento importante em todo esse processo educativo e cujo êxito depende muito da preparação e da visão de mundo que tem o monitor. Nesses momentos de troca de experiências, de debate, podemos verificar o seguinte:

- ao falar daquilo que é seu, **particular**, o alfabetizando passa a emitir opiniões sobre uma **realidade mais ampla**, o grupo social a que pertence, e os outros grupos.
- partindo de um **conhecimento anterior**, de sua vida, sua prática, ele passa a produzir novos conceitos, **novos conhecimentos**.
- a partir da discussão sobre o **cotidiano**, ele passa a perceber a relação do seu dia-a-dia com o projeto maior da **sociedade** nos seus aspectos econômico, político, social.

4. **Leitura da palavra** - Da "leitura do mundo" saem as palavras do alfabetizando - carregadas de sentido e escolhidas dentro do seu universo vocabular. Até 1989, utilizávamos exclusivamente fichas contendo as palavras-chaves, exer

cícios variados sobre as famílias das palavras e pequenos textos, de acordo com a palavra escolhida. Procurávamos ordenar essas palavras, partindo do critério da simplicidade para a complexidade fonética e gráfica. Com o tempo, fomos sentindo um certo "desconforto" nessa maneira de trabalhar e um sério desafio.

Enquanto se tratava da "leitura do mundo", da troca de experiências, da escolha das palavras-chaves, tudo corria bem. Monitores e alunos se sentiam produzindo um conhecimento riquíssimo, ao nível oral. Mas, na hora da "escrita", as coisas se complicavam - muitos alunos não tomavam conhecimento das letras ou sílabas ainda não estudadas. Insistiam em redigir, pois a leitura do mundo e o debate os instigava a "produzir textos". Ivanilda, uma das monitoras, explica a situação:

"Começamos a sentir que as fichas restringiam as atividades desenvolvidas em sala de aula. Limitávamo-nos aos exercícios baseados na palavra-chave da semana. Felizmente, com a aplicação da proposta de Emília Ferreiro, tudo mudou. Nós nos tornamos flexíveis no trabalho diário. As atividades, agora, podem surgir com o desencadear de um assunto de interesse do grupo. Um exemplo: um dia, chegou um aluno contando que havia se machucado no serviço e que a firma não tinha tomado nenhuma providência. Isso foi motivo de discussões na classe durante uma semana e vários alunos fizeram redação sobre o assunto.

Para nós, monitores, a mudança foi grande. Nós estávamos acomodados com o uso das fichas e nossa criatividade ficava bastante limitada. O estudo da contribuição de Emília Ferreiro veio ampliar nosso campo de trabalho. Fomos obrigados a nos atualizar, procurar material, preparar bem as aulas. Da parte dos alunos, sentimos que ficaram mais livres para escrever. Podemos mesmo dizer que eles perderam o medo e a vergonha de escrever.

5. COMEÇANDO O TRABALHO ...

Dos andaimes, das fábricas, das "casas-de-família", chegam aqueles que não puderam e agora querem se alfabetizar. Chegam inseguros, envergonhados mas já trabalharam muito, já aprenderam muitos ofícios, já sofreram demais e sobreviem nesta selva armados precariamente. E trazem consigo algumas letras, a memória dos nomes dos ônibus, das marcas do sabonete, do óleo, do arroz, do feijão, dos candidatos a governador, prefeito, deputado... Falam a sua língua com timidez ou desembaraço, dizem sua palavra, contam sua história.

Vão entendendo, no processo, o tesouro que têm guardado, de trabalho, de sofrimento, de conhecimento da vida. Vão percebendo que ser analfabeto é apenas mais um grilhão que lhes ataram, junto com a casa pobre, a comida escassa, o salário miserável, o transporte ruim e caro, a escola de 5ª categoria para os filhos.

Vão percebendo que a culpa, se é que assim se pode chamar, de seu analfabetismo, não está neles mesmos, mas na sociedade injusta em que vivem. Vão percebendo que, se não sabem ler e escrever, são sábios em muitas outras coisas, no conhecimento que têm do mundo e da vida e que adquiriram no seu cotidiano, na luta pela sobrevivência.

Pouco a pouco, através da leitura do mundo e da conversa com seus pares, vão recuperando sua auto-estima, sentindo-se gente, erguendo a cabeça e encarando as pessoas face a face, resgatados agora do limbo em que se haviam lançado por causa da discriminação absurda que esta sociedade faz recair sobre o analfabeto.

Neste momento, os alunos podem iniciar seu processo de alfabetização, ou melhor, auxiliados pelos monitores, partir do seu conhecimento maior ou menor da língua escrita para se tornarem plenamente alfabetizados.

5.1. Partindo do que o aluno já sabe ...

O estudo da contribuição de Emília Ferreiro, no entender dos monitores do Embu, ajudou muito em seu trabalho, pois lhes permite acompanhar de perto, através de diagnósticos periódicos, a evolução dos alunos no conhecimento da língua escrita.

Antes, essa avaliação era muito difícil, pois se partia de um "aprendizado" treinado, memorizado. Se um aluno escrevia uma série de palavras já estudadas, poderia parecer que ele estava alfabetizado e isto nem sempre era assim. Emília Ferreiro nos ensina que a criança e também o adulto atravessam uma série de níveis ou etapas no conhecimento da língua escrita, repetindo um pouco a história da humanidade na construção desse conhecimento. O método que o professor utiliz

za pode acelerar ou retardar esse processo pelo qual se adquire o conhecimento da língua escrita, mas o método em si não cria aprendizagem. É a reflexão do aluno sobre a escrita, a formulação de hipóteses, a confrontação de suas hipóteses com a escrita convencional que vai criando o conhecimento. Os monitores devem trabalhar no sentido de colocar o alfabetizando em contato com a escrita convencional, criar atividades que o façam refletir, comparar, diferenciar, discernir, até encontrar as respostas para suas indagações. O professor dirige esse processo mas é o aluno que constrói o conhecimento.

Esses são os pressupostos da forma como desenvolvemos o trabalho de alfabetização. Partimos dessas certezas. Não temos a pretensão de esgotar o tema neste espaço. Queremos apenas que desperte aqueles que nos estão lendo para o estudo e a pesquisa desta contribuição, que foi muito importante para o trabalho no Embu e temos certeza vai ajudar a todos os que estão procurando alternativas e novos caminhos para a alfabetização.

5.2. Por que definir o nível de escrita de cada alfabetizando

Poder definir o nível de conhecimento da língua escrita de cada um de nossos alunos trouxe muito incentivo ao trabalho de alfabetização. Nos fez ver que nossos alunos já chegam ao curso de alfabetização sabendo sua língua materna e conhecendo mais ou menos a língua escrita. Isto porque, vivendo numa sociedade letrada, cotidianamente são obrigados a resolver situações que requerem a leitura. O mesmo não se pode dizer de uma pessoa que viva na zona rural, onde, o contato com a escrita é menor.

Nosso trabalho se orienta em três direções: no desenvolvimento da linguagem oral, da escrita e da leitura, partindo sempre da realidade dos alunos, seus sonhos, seus projetos, suas alegrias e tristezas. Buscando as causas de cada dificuldade e também o que fazer para trabalhar na sua solução.

Hoje, em nossas classes, escrever é uma satisfação: é colocar a palavra que é nossa para outro ler, é registrar o que pensamos, o que sentimos, o que recordamos, sem preocupação em escrever certo, sem preocupação em escrever pouco para errar pouco. Hoje, nossos alfabetizados são incentivados a escreverem sua palavra com a mesma liberdade, com que a dizem em nossas classes.

São incentivados a ler tudo o que possa ser vivenciado como função social da escrita: livros, jornais, cartas, bilhetes, contas de água, luz, etc...

Aprender a escrever escrevendo, aprender a ler lendo. Aprender a ler a realidade, a interpretar o mundo à nossa volta, compartilhando com todos os nossos conhecimentos, os nossos sentimentos.

É comunhão do suor, do sangue, do riso, do passado, do presente e da

esperança no futuro.

5.3. Os níveis de conhecimento da escrita

A possibilidade de determinar periodicamente o nível de conhecimento da escrita de cada alfabetizando é muito importante para os monitores, pois lhes permite avaliar se estão trabalhando corretamente, se estão utilizando as atividades adequadas a cada nível, pois será o salto do aluno, dos níveis mais elementares para os mais elaborados de escrita, o termômetro que lhes dirá se estão ou não no caminho certo.

A. O diagnóstico

O diagnóstico para o conhecimento do nível de escrita de cada alfabetizando deve ser feito periodicamente, a cada dois meses, por exemplo, dependendo do trabalho desenvolvido. O fundamental para se obter uma resposta correta sobre o nível de cada aluno é incentivá-lo a escrever uma série de palavras dentro de um mesmo tema e também algumas frases. O monitor deve, primeiro, procurar deixar o aluno bem à vontade, sem preocupação de "errar" e pedir-lhe que escreva a seu modo. O número de sílabas das palavras solicitadas deve variar de um até 4. O aluno deverá ler em voz alta o que escreveu, acompanhando a leitura com o dedo ou o lápis.

É sabendo como o aluno escreve e como lê o que escreve que o monitor poderá determinar o que este aluno já conhece sobre a escrita. Esse diagnóstico muitas vezes é feito na própria entrevista inicial com o aluno. Isso pode ser feito nos nossos bairros porque, em geral, conhecemos as pessoas que vão começar a frequentar os grupos de alfabetização. Quando isso não é possível, fazemos o diagnóstico nos primeiros dias de aula, individualmente.

Muitas vezes, é difícil definir o nível, porque há alfabetizandos que escrevem palavras ortograficamente, não porque tenham entendido o processo, mas porque as conhecem de cor. O que nos permite avaliar o nível de conhecimento da escrita do aluno é a possibilidade que ele tem de **construir** as palavras, a partir de sua reflexão, de suas hipóteses.

Com base nessa orientação, duas monitoras do Embu criaram um jeito diferente de fazer o diagnóstico.

"Neste ano, trabalhamos com um grupo só de mulheres. As alunas gostaram muito da pesquisa em revistas. Era um motivo para elas conversarem sobre

seus gostos, projetos e dificuldades. Então pensamos em aproveitar as revistas para o diagnóstico. As alunas escolhem sua gravura, recortam, colam no caderno e colocam ao lado os nomes dos objetos que nela aparecem."

(Geuda e Glória)



Leite
pejo
tata
vdura
2 Leoc
futa
gata
ovo
pico
diolar

Combu 14 maio 1990
maira de Louder dos Santos

Combu 14 de maio de 1990
Ana Lino dos Santos



sala
cda
cofa
cinto
futa
jaro
mfada
sco
razo

B. O Nível pré-silábico

Segundo a pesquisa de Emília Ferreiro, o nível mais elementar de escrita é o chamado pré-silábico. Nesse nível, a criança ou o adulto não descobriram ainda o que a escrita representa, não se deram conta de que a escrita representa a fala. Como conhecem algumas letras, principalmente as do seu nome, se solicitados a escreverem do seu jeito uma palavra ou uma lista de palavras, tenderão a juntar aleatoriamente essas letras, variando ou não a quantidade de letras usadas, variando sua colocação dentro das palavras. Nesse nível, pode acontecer que o tamanho menor ou maior das palavras corresponda ao tamanho maior ou menor do objeto representado. É o chamado realismo nominal.

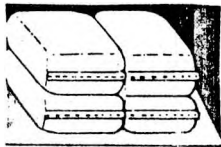
Nessa fase, portanto, a escrita é totalmente arbitrária.

A experiência do último ano nos grupos de alfabetização no Embu nos leva a acreditar que ali são raros os casos de adultos totalmente analfabetos e raros também os adultos no nível pré-silábico.

As monitoras Lourdes e Brígida, do Parque Luiza, prepararam vários recortes de revistas com gravuras sugestivas. Deixaram numa caixinha sobre a mesa e pediram aos alunos que escolhessem na caixa o recorte que mais lhes interessasse, que o colassem numa folha e escrevessem o que o recorte lhes sugerisse.

Cada um fez sua redação, independentemente do nível de escrita em que estava.

Escolhemos, dentre esses trabalhos, o de D^a Valerina:



açúcar

"AÇUCAR"

*- depois de escrever a palavra
do açúcar não valeu não
depois de escrever a palavra
do açúcar não valeu não*

"O AÇUCAR ESTÁ CARO PARA FAZER BOLO DE FUBÁ"

Valerina de Azeite de Uva

Depois de ter escrito sua redação, chamou a monitora e pediu que ela ouvisse sua leitura. O título era: "O açúcar". E o que ela tinha escrito era o seguinte: "O açúcar está caro para fazer bolo de fubá."

A monitora pediu à aluna que lesse sua redação, indicando o que lia com

o dedo, ou com o lápis. A monitora percebeu que ela "escorregou" o dedo no pa pel, lendo tudo de uma vez, sem separar nem as palavras, nem as sílabas.

D^a Valerina está no nível pré-silábico no mês de março. O que dá para perceber do seu texto?

- ela escreve uma longa sequência de letras emendadas e, na leitura, se constatou que a representação gráfica não correspondia a nenhum valor sonoro.

- D^a Valerina assina sua redação, conhece bem como escrever seu primei ro nome. Várias letras de seu nome se repetem no texto que redigiu. Mas ela não se deu conta ainda de que a escrita representa a fala.

O fato de esta escrita ser tão arbitrária vai causando ao aluno sérios con flitos cognitivos, sérias dúvidas e desafios, que vão colocando em cheque sua hi pótese e fazendo com que procure novas explicações, novas soluções. O moni tor vai trabalhar com este aluno no sentido de acirrar essas dúvidas e levá-lo a perceber que a escrita representa a fala.

A partir do diagnóstico do nível do aluno, a monitora já sabe como traba lhar com ele, que desafios colocar para que comece a perceber o que a escrita re presenta. Sabe que trabalhar, por exemplo, com o nome das pessoas ajuda muito nesse processo. Pois, como D^a Valerina, a quase totalidade das pessoas sabem es crever o próprio nome, ainda que de memória, sem compreender o processo.

C. O nível silábico

O alfabetizando alcança o nível silábico quando percebe ou descobre, re fletindo, pensando, o que a escrita representa. Ele descobre que as variações de sinais na escrita correspondem a variações sonoras na fala. Sua primeira hipótese é a de que esses sinais gráficos correspondem, não a fonemas, mas a sílabas. Ele se preocupa então com o número de letras da palavra e segue à risca uma regra que ele mesmo inventou: um sinal gráfico para cada sílaba.

cmo = camelo
cma = camisa
cda = cadeira
l = ler
bna = banana

EURZBLO
↓ ↓ ↓ ↓ ↓
Eu estou lavando a casa

Nessa etapa, ele já percebe a palavra como um todo constituído de par tes que, para ele, são letras representando sílabas.

Ao escrever uma frase, tenderá a usar apenas um sinal gráfico para cada palavra.

Mas, ao escrever desta forma, ele começa a enfrentar dificuldades:

- se ele escreve uma palavra silabicamente, como **cma** para representar camisa, pode ser que no dia seguinte já tenha dúvidas sobre o que escreveu. Também percebe que outras pessoas não conseguem saber o que está escrito.

- se escreve **c m a** (para camisa) e depois escreve **cma** para (caminha), verá que a escrita fica idêntica, o que para ele parece impossível.

- também se verá desafiado em sua hipótese, se confrontar o que escreveu com a escrita ortográfica da monitora, dos livros, das revistas.

Ele passa a não confiar mais na sua hipótese de escrita silábica e começa a procurar saídas para essa situação. Seu conhecimento anterior já não lhe dá respostas e ele terá de refletir muito, elaborar novas hipóteses, fazer novas tentativas para passar ao nível seguinte.

D. O nível silábico-alfabético

Nessa etapa do processo de construção da escrita, o que chama a atenção é a impressão de que o alfabetizando está comendo letras, quando na verdade ele está acrescentando letras. Ao descobrir que cada sinal gráfico deve representar, não a sílaba, mas o fonema, que é a menor unidade sonora da palavra, ele vai tentar novos recursos:

- vai acrescentar letras, seja no meio ou no final das palavras.

Sua Lino dos Santos

Flea = feira

Jace = jacaré

cajoru = cachorro

neto = neto

lma = banana

casu = caju

mlno = menino

"Eugt zot de mn mto"

"Eu gosto muito de meu neto"

- ao comparar sua escrita com a do monitor ou dos livros, jornais, revistas, ele verifica que faltam letras, que ele deve aperfeiçoar sua escrita.

Sua escrita passará a ser irregular, ora representando graficamente todos os fonemas, ora não. Sua escrita vai se tornando cada vez menos silábica e mais alfabética, até se tornar totalmente alfabética.

O alfabetizando enfrenta esses desafios de maneira ativa, comparando, percebendo semelhanças e diferenças, o que o obriga sempre a buscar novos recursos. O alfabetizando, nesse trabalho, é o sujeito do processo de aprendizagem que, em contato com a escrita, vai conquistando no

vos conhecimentos, mas sempre a partir de seu conhecimento anterior.

Ilustramos esse momento da escrita com dois trabalhos de D^a Ana Lino

dos Santos, um diagnóstico do mês de abril (vide o quadro anterior) e uma redação de junho.

" Festa junina é muito alegre
muita gente gosta de pipoca, canjica e
batata doce e arroz doce."

Festa junina é a lgie (junho/90)
de mejet e got de Pipoca e
Cjica b-tatdos a roziassi

Ana Lino dos Santos

A maioria dos alunos que têm chegado aos nossos grupos de alfabetização já desenvolveram bastante seu pensamento sobre a escrita e já alcançaram esse nível.

E. O nível alfabético

Neste nível, o aluno já escreve como fala, mas ainda lhe falta descobrir ou só lhe falta descobrir que nem sempre se escreve como se fala. Descobrir que existe uma escrita que se convencionou ser a correta significa também que conhecê-la vai requerer um longo aprendizado e muita dedicação.

O aluno agora se sente encorajado a escrever porque percebe que os outros já entendem sua palavra, sua mensagem.

Chegar ao nível alfabético não significa que o aluno já conheça todas as letras com seu respectivo valor sonoro. Isso nem sempre acontece. Ele pode ser um aluno alfabético conhecendo apenas algumas letras, sem que haja correspondência sonora. O que determina se ele é ou não alfabético é aquela compreensão de que o sinal gráfico deve representar o fonema.

Poderíamos dizer que, dentro dos vários níveis de conhecimento da escrita, há estágios mais elementares e estágios mais avançados. Também dentro do nível alfabético. Por exemplo, Luiz Martins Neto, que frequentou o grupo no turno de alfabetização do Jardim Valo Verde, escreve alfabeticamente, não sepa

ra certas palavras, troca algumas letras, mas já se faz entender:

Embru 28 de a gosto de 1990
 a migo joze o hzi que pego
 no tisia i no meno tempo
 Caber como va vole tubem
 po que gaça a za de su
 vamo nido bem ai
 É statu bem a joze a que és -
 ta tudo bem a te u fidomano -
 Eu vo para ai para
 fazer o tor casa po que -
 É sta casa vō deroli para
 faz o tara o viu a que
 não damasi para viver
 po pogi é so temi no com
 muta lenbarla para voce -
 itodoso ai. Luiz Martins neto
 Turma da noite
 Monitoris Angela e Emileião

José Arisvaldo, do grupo do Jardim Taima, entrou no grupo de alfabetização no ano passado sem saber nada, com um grande desejo de aprender.

Redação

Eu vi muito sofrimento.

A seca mata os animais
 vaca. cavalo cabra ovelha
 tudo morrendo de fome e
 sede.

Eu vi as mulheres carregando
 água logem na cabeça para
 beber.

Os homens trabalhado para
 ganhar o pão do diadia.

Eu vi os mato morto de seca.

José Arisvaldo

Embru, abril de 1990

Com a ajuda do monitor, José Arisvaldo, com as atividades diárias, seguindo cada nível, foi vencendo as etapas. Transcrevemos aqui uma redação sua do mês de abril.

No mês de dezembro, pedimos que passasse a limpo na folha sulfite e com caneta preta a sua redação, pois ela seria publicada neste livro. Ele o fez, mas desta vez se autocorrigiu e até modificou o texto. Quando o monitor pergun

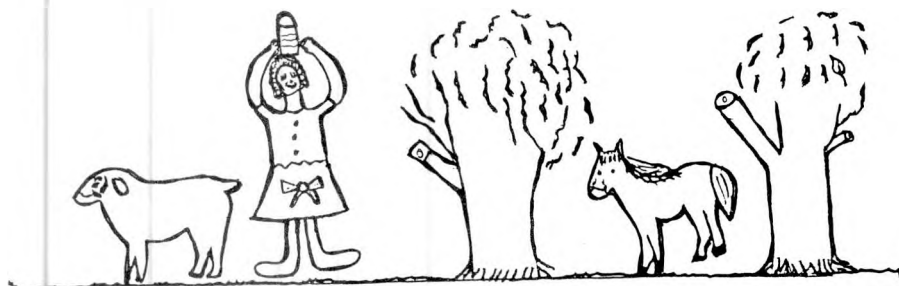
tou porque ele não tinha copiado o texto como estava, José respondeu: **"É que agora eu já sei escrever melhor e percebo os erros."**

São paulo 4 de dezembro de 1990

Redação sobre a seca.

Eu vi muito sofrimento. a seca mata os animais vaca, cavalo, cabra e ovelha tudo morrendo de fome e sede e também eu vi as mulheres carregando água de longe na cabeça para beber os homens trabalhado para ganhar o pão do dia a dia. também eu vi os matores morrendo de sede o Rio chegou até a secar.

José Arnaldo Silva



O conhecimento desses níveis permite aos monitores planejar as atividades, discriminando aquelas que podem ser desenvolvidas por todos conjuntamente, as que podem ser feitas em grupos e aquelas que são específicas de cada nível.

Isso não significa que se vá dividir a classe em níveis ou turmas fracas e fortes.

Para nós, do CEPIS e para os monitores do Embu, não tem sido fácil esse trabalho. Requer investigação, muita criatividade, uma avaliação permanente de nossa prática. Mas o resultado, apesar de ser uma experiência nova, tem reforçado que o caminho é por aí e que temos de continuar acumulando experiências nesse terreno.



6. O NOME DO ALUNO

Não é só pelo fato de os alunos reconhecerem as letras de seu nome que este se apresenta como ponto de partida para o processo de alfabetização.

Trabalhar com o nome dos alunos é muito mais: é entrar na história de vida de cada um, é resgatar sua identidade, é facilitar o entrosamento entre os colegas, criar o respeito e o conhecimento mútuo.

Também permite um aprofundamento na noção de simbologia, que vai facilitar o entendimento da linguagem escrita, que é duplamente simbólica, pois representa a fala que, por sua vez, representa as coisas, os sentimentos, as ações e as paixões do ser humano.

Uma atividade que traz resultados muito emotivos, integradores e que produz profundo conhecimento mútuo é o da simbologia de cada aluno.

O monitor pede aos alunos que desenhem ou recortem de alguma revista ou jornal, e depois cole na metade de uma folha de sulfite, uma figura qualquer que eles sintam que os simboliza. Isto pode ser feito na sala de aula ou trazido de casa. O monitor escreve na lousa ou numa cartolina a lista de alunos da classe.

	JOSEFA
	MARINA
	PEDRO
...	

Cada um deve colar o símbolo diante do seu nome e explicar por que escolheu tal ou qual figura. O que acontece neste momento são relatos metafóricos, alguns de uma beleza inesquecível. Lembro-me de alguns. Uma aluna, por exemplo, trouxe uma lâmpada acesa e explicou que ela se sentia como uma luz, onde chegava iluminava, ficava tudo alegre. Outra trouxe uma vidraça e explicou que se sentia como aquela vidraça que refletia a luz, mas não tinha luz própria. E o grupo conseguiu convencê-la de que não era assim.

O monitor vai escrevendo em baixo de cada figura o que ela representa para o aluno. Por exemplo: para a figura de pássaro ele escreve PÁSSARO, AZUL, LIBERDADE.

Terminado o relato, poderá ser feito um jogo com os alunos. Olhando só as figuras, identificar quem elas simbolizam. Fazer chamada: Cada aluno volta a colocar a figura diante de seu nome. Os nomes diante dos quais não for recolocada, são os nomes dos alunos ausentes.

A partir dos relatos de cada aluno, pode-se também fazer uma redação coletiva, da qual o monitor será o escriba. Os alunos vão reproduzindo o relato escolhido e o monitor vai ajudando a organizar as idéias, a dar uma sequência à narrativa, sem distorcer nem mascarar a fala dos alunos, ajudando-os a pensarem, a se expressarem com clareza, com força, provocando a participação de todos.

O texto pronto é um excelente material alfabetizador. Deverá ser copiado em cartolina, ilustrado pelos alunos, colocado em lugar visível.

Dele se extrairão palavras significativas para analisar letra por letra, coparar com outras, ver as diferenças e semelhanças, atiçando a curiosidade e o raciocínio dos alunos, que buscarão compreender o sistema da leitura e da escrita, ativamente. Dependerá do bom senso do monitor determinar que atividades podem ser realizadas por todos os alunos e que atividades deverão ser diferentes, dependendo do nível de conhecimento da escrita. Em que momentos os que já conhecem melhor a escrita podem ajudar aos que conhecem ainda pouco.

As atividades com os nomes dos alunos são muito propícias para que o pré-silábico descubra o que a escrita representa. Como grande parte dos alunos pré-silábicos conhecem as letras do próprio nome, ao verem que os nomes dos outros colegas começam com as mesmas letras do seu nome, vão começando a perceber a correspondência som-grafia.

Algumas atividades que costumamos realizar:

1. Crachá com o primeiro nome de cada aluno. Crachá com duas faces : de um lado, letra de imprensa e, do outro, letra cursiva.
2. Caixinha com os crachás misturados. Todos os dias, na chegada, o aluno deverá procurar o seu ou entregá-los aos colegas.
3. Bingo do primeiro nome. Mostram-se as letras dizendo o nome de cada uma. Numa etapa posterior, pode-se dizer o nome das letras sem mostrá-las.
4. Procurar em revistas e jornais a primeira letra do nome do aluno, palavras que comecem com esta letra acompanhadas da figura.
Reconhecer figuras cujo nome comece com a primeira letra do nome do alfabetizando. O monitor escreverá a palavra ao lado do recorte.
Observar: quantas palavras podem ser escritas com a 1ª letra do nome do aluno?
5. Recortar quadradinhos com as letras do nome. Montar. ~~Retirar~~ uma ou mais letras. Pedir ao aluno que diga que letra está faltando ou que letras estão faltando.

Há uma infinidade de atividades com os nomes dos alunos. Estão descritas em livros dedicados ao tema. Porém são apenas orientações, exemplos. As variações vão depender da criatividade e do trabalho de cada monitor diante das dificuldades e necessidades do grupo com o qual está trabalhando.

O Nome - identidade de cada um

No início de 1990 tivemos um caso singular em nossa classe. Uma das alunas se apresentou como Iraíldes Amácio de Menezes.

Achamos estranho, pois o nome das irmãs era diferente. Para esclarecer

a dúvida, pedimos a ela que trouxesse a certidão de nascimento. Vimos então que seu nome era Irailza Raimundo Pinto. Constatamos que essa aluna nunca havia visto o seu nome escrito.

Eu mudei muito depois que comecei
a sair de casa aprender a ler e escrever
Quando eu entrei aqui
não sabia nem falar meu nome.
agora eu sei escrever e ler.
Eu entrei aqui sem ter
experiência de nada aprendi
muitas coisas foi muito bom.
Irailza Raimundo Pinto
Embu, 10 de novembro de 1990

Começamos então a tra-
balhar as letras do seu
nome. Irailza mostrou
muito interesse pela al-
fabetização e já sabe
até fazer versos.

(Brígida e Lourdes - Parque
Luiza - Embu)

ATIVIDADES COM OS NOMES DO ALUNOS

1. Colagem com os nomes dos alunos

material: folha de sulfite quadriculada (quadros de 3,5 / 2,5)
recortes de letras de jornais



2. Bingo com os nomes dos alunos:

E	N	E	D	I	N	A		
S	I	L	V	I	N	A		
H	E	L	E	N	A			
M	A	R	C	E	L	O		
F	R	A	N	C	I	S	C	O

Material: folha de sulfite quadriculada
o aluno pode assinalar a lápis as
letras cantadas.
o bingo pode ser feito com 1 nome
e depois com 2, 3 até 5 nomes dos
alunos do grupo

3. Pirâmide com os nomes do grupo de alunos:

São Paulo 14-08-90

pirâmide do 1º nome

		J	O	S	E			
	M	A	R	I	A			
S	T	E	V	I	N	A		
M	A	R	G	A	R	I	D	A

maria das graças de paiva

4. Acróstico - material: recortes de jornais.

M	A	p	A	GATO
A	m	A		RUA
				ANA
R	A	T	O	ÇÃO
				Adelice
I	V	A		SACO
A	V	E		DEU
				EVA
d	i	A		PAR
A	T	E		ademir
				IVAN
S	A	I	A	VEIA
				AMOR

5. Quadro dos nomes - Comparar e completar

Quais os nomes que faltam no quadro ao lado?

Alair	Enedina	Dario
Geni	Espedito	Eunice
Laura	Francisca	Silvina
Helena	Maria Alves	Severina
Maria	marcelo	Donira

		<u>Dario</u>
	<u>Espedito</u>	
<u>Maria</u>		

6. Formar palavras usando as letras do 1º nome:

Ana Simodora Santos
 A abacaxi
 N Nabo
 A Arroz

V vage
 A abacaxi
 V uva
 D danone
 E ervilha
 L laraja
 I Igreja

Vandeli

Nome Silvana

S salada
 I interior
 L laranja
 V vinho
 I ilha
 N nata
 A ameixa

7. Formar palavras com as letras do 1º nome - material: recortes de revistas.

Embú 30 de março de 1990

AMOR ALI ALO

amor ali alor

PATO PANO PELO

pato pamo pelo

RIO RUA REDE

rio rua rede

ELE ELA

CASA CAMA Cedo

Caga Cama Cido

INDIO IRMAO

DÉDO DOCE DADO

dado doce dado

Maria Aparecida Almeida Santos

8. Caça-Palavras com nomes dos colegas do grupo:

**Marilene
Ferreira
da Conceição**

MARILYN
LITEL
TON
Aparecida

Comunidade N.S. Aparecida

9. Caça-Palavras com todos os nomes do grupo:

Ache seus amigos da classe:

B	D	V	S	E	V	E	R	I	N	A	
L	A	X	M	Z	L	A	U	R	A	M	L
I	R	N	A	M	O	I	N	E	Z	M	E
V	I	F	R	A	N	C	I	S	C	A	N
D	O	N	I	R	A	N	C	P	T	R	E
I	J	O	A	I	B	O	E	E	X	C	D
M	X	I	A	A	R	P	B	D	Z	E	I
I	H	Q	L	I	G	E	N	I	X	L	N
J	G	U	V	T	M	O	L	T	M	O	A
F	I	H	E	L	E	N	A	O	B	O	V
L	J	M	S	I	L	V	I	N	A	X	Z

Marcelo.

Maria Alves, Silvinia, Donita, Eunice

Laura, Dario, Enedina, Severina, Maria

Respostas: Helena, Francisca, Espedito, Geni,

A PALAVRA

DOS

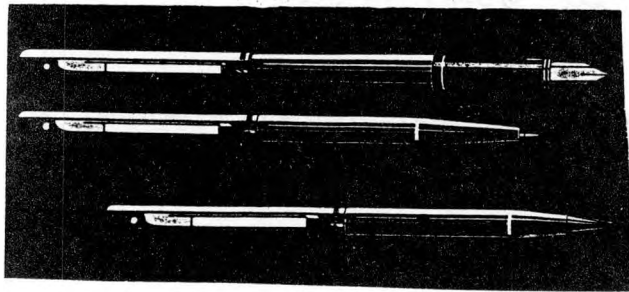
ALFATIBETIZANDOS

2ª Parte

1. "A LUTA DO ANALFABETO"

As pessoas que nos procuram no município do Embu são, no geral, migrantes do Nordeste e de Minas Gerais que querem aprender a ler e a escrever no menor espaço de tempo possível. Nossa atitude é de acolhida e de atenção às suas histórias e à luta que eles enfrentaram antes de chegar até nós.

Apresentamos aqui três depoimentos de alunos: D^a Iris, do Jardim Valo Verde, Josefa Eunice Moreira, do Jardim Casabranca, e D^a Maria da Paixão, do Parque Lúza. Esta última tem um caderno onde registra quase diariamente tudo o que lhe ocorre escrever: impressões sobre o que acontece, coisas de sua cultura, trazidas do Rio Grande do Norte. — "Quando o nosso livro ficar pronto, diz ela, vou levar pra minha terra pra mostrar aos de lá o que eu e meus colegas escrevemos."



Esta Caneta Representa tudo
em minha vida Representa o
meu sonho e a Prender se e
escrever por a Genti sen a
leitura a Genti não é nada
Porisso eu quero ser al gun
na vida porque sen a leitura
a Genti sofre muito.

Iris marcianna Para

Embu, 6 de novembro de 1990

Eu gosto de estudar, para eu não ser analfabeta. Um dia eu quero mim orgulhar de mim e poder fazer o que eu não fiz até hoje eu quero poder escrever bem e ler para todas pessoas se sentir bem.

Mas como eu estou estudando eu espero que eu realize o meu sonho se Deus quiser e mim dar ânimo para ir até o fim.

Desejo tudo de bom para as minhas amigas da minha classe que eu gosto muito.

Josefa Eunice Alves Moreira

19/9/90.

Já na hora tá na hora
 Já na hora de estudar
 quem quiser lutar com a gente
 e só na escola entrar
 uma vez traz alegria
 Outras vez muito mais
 já provamos muitas vezes
 que vencer nunca é demais
 vamos provar pra nossas
 amigas que estudar
 nunca é demais
 as professoras
 tem prazer de nos ensinar
 vamos minhas amigas vamos
 estudar mais quem quiser
 lutar com a gente e só nessa
 turma entrar que as
 professoras estão aqui
 para nos ensinar.



De Josefa anotando no caderno de "fiados" da lojinha.

Maria da Paixão Alves

Embu 14 de outubro de 1990

2. "MINHA VIDA"

No trabalho desenvolvido em sala de aula, o alfabetizando tem oportunidade de expressar-se oralmente ou por escrito sobre os mais diversos temas: os fatos discutidos em classe, os problemas do bairro, a situação do país...

Mas, quando ele decide escrever sobre sua vida, cria-se um momento importante nesse processo educativo. Falando de si mesmo ele vai poder resgatar o seu passado, avaliar o presente e medir suas forças para poder planejar o futuro. Começa a perceber que sua história pessoal está dentro de um quadro maior feito pela história de todo um povo. Percebe que essa história não começou agora e que ele não está sozinho - outros caminham com ele e enfrentam problemas semelhantes aos seus e cultivam sonhos parecidos com os seus.

Os textos que se seguem são de alunas da Elisete, monitora do Jardim Saporito, em Taboão da Serra. O texto ilustrado é de uma aluna da Berenice, do Jardim São Marcos.

Taboão da Serra 5/10/1990 / Redação
 Eu vim da minha terra para tentar
 uma vida melhor para trabalhar e
 mandar dinheiro para minha mãe e
 minha filha. Lutei e trouxe minha
 família, lutamos juntos. Eu traba-
 lhava e minha mãe cuidava da minha filha.
 Tenho 4 filhos maravilhosos e obidiente.
 Eu nunca tive estudo, mais depois
 de 40 anos tive muita força de vontade
 e junto a comunidade Santa Luzia
 eu consegui a ler e escrever.
 Eu trabalho muito e sou feliz.
 continuo lutando em função
 de ajudar os meus filhos
 moro R. Nilo Peçanha 93 Taboão da Serra SP
 Berenice Alves dos Santos



so trabalhador da roça que luta
 Para manter a minha familia
 com muita luta trabalho
 Maria Leite Marinho

"Realidade sobre a minha vida"
 nasci na Bahia em Nova Sours
 aos 27 de janeiro no ano de 1961
 me criei na roça, brinchei na
 roça, onde eu morava na roça não
 tinha escola no meu tempo, cresci
 sem sequer começar a pegar no lápis,
 cresci e não estudei, me casei e depois
 de casada que eu fui começar a
 estudar.

Valmira Pereira da Silva

3. "A CANETA E A ENXADA"

Todo tipo de texto pode ser utilizado no trabalho de alfabetização: a poesia, a fábula, a alegoria, a lenda, a anedota, o provérbio... E o texto estudado servirá de "pretexto" para que o aluno produza a "A SUA PALAVRA" escrita.

Apresentamos aqui um apólogo que "virou" letra de música sertaneja "A CANETA E A ENXADA", autoria de Capitão Balduino e Teddy Vieira, gravação de Zico e Zeca. Esse texto deu muita discussão, pois no meio popular se usa muito a **comparação** como uma forma de explicar os acontecimentos.

"A CANETA E A ENXADA"

1. Certa vez uma caneta
foi passear lá no sertão.
Encontrou-se com uma enxada
fazendo uma plantação.
A enxada, muito humilde,
foi lhe dar a saudação,
mas a caneta soberba
não quis pegar na sua mão
e ainda por deseforo
lhe passou uma repreensão.
2. Disse a caneta prá enxada:
-"Não vem perto de mim, não.
Você está suja de terra,
de terra suja do chão.
Sabe com quem tá falando?
Veja só sua posição
e não esqueça a distância
de nossa separação.
3. Eu sou a caneta dourada
que escrevo no tabelião.
Eu escrevo pros governos
as leis da Constituição.
Escrevo em papel de linho
pros "ricas" e pros "barão",
só ando nas mãos dos mestres
dos homens de posição.
4. A enxada respondeu:
-"De fato eu vivo no chão
prá poder dar o que comer
e vestir o seu patrão.
Se vim ao mundo primeiro
quase no tempo de Adão,
se não fosse o meu sustento
ninguém tinha instrução.
5. Vai-te caneta orgulhosa,
vergonha da geração.
A sua alta nobreza
não passa de pretensão
você diz que escreve tudo,
tem uma coisa que não:
é a palavra bonita
que se chama EDUCAÇÃO.

Embu 14 de setembro 1990

a enxada é uma ferramenta
que todas pessoas que
trabalha na terra da
muito valor Para ela
Porque sem ela os trabalhadores
não pode plantar o milho
e a feijão estão a enxada
tenho muito valor porque
ela virte machado com a terra
e a caneta fica parando mais
se não fosse a enxada ela
não tinha comida Para ela
comer Maria Miga R. Marengo
JARDIM SÃO MARCOS

4. A VIDA DO TRABALHADOR

A partir do 2º semestre deste ano, percebemos que a maioria das alunas do nosso grupo trabalham vendendo produtos de casa em casa: cerâmicas, perfumes, brinquedos, utensílios domésticos. Esses produtos são anunciados em folhetos que elas entregam a cada freguês para que escolham o produto desejado. A dificuldade é que, para vender, elas tinham que saber ler e escrever o nome dos produtos. Como não sabiam escrever, pediam à freguesa para anotar o seu pedido.

O sonho de Marina era ela mesma marcar os pedidos. Então, ela deu a idéia de nós trabalharmos na sala de aula com as figuras e os nomes dos produtos. Recortamos as figuras das revistas, colamos e fomos escrevendo o nome de cada uma. Fizemos isso durante várias semanas e ajudou muito. Agora elas mesmas estão tentando marcar os nomes dos novos produtos.

(Brígida e Lourdes monitoras do Parque Luiza)

maquina esgar da silva
materia Brasileira Bruto



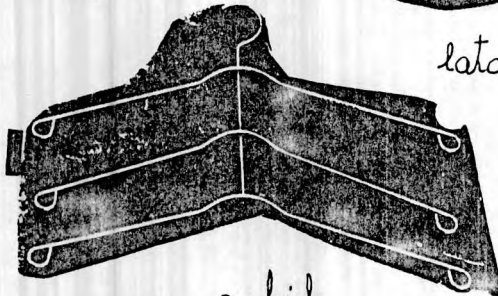
salada



bule



lata



cabide



paveta



elefante



chinelo



frutera



jara



Alunas do grupo fazendo reunião dos produtos

07-12 88 TURMA DA NOITE
 hoje foi 1 dia di
 muita xurba para min
 não deu nada certo
 levatei 4:30 hda minha
 fui trabalhar mais não
 deu para fazer nada
 tentei mais não
 consigo a xurba não
 deixo mais deu para
 ficar us dede.

Virgínia da Silva

Os monitores José e Lourdes, um casal que trabalhou com alfabetização entre 1987 e 1988, tinham um caderno de classe chamado Caderno de Redação da Classe. Os alunos levavam para casa ou escreviam durante a aula. Não havia nenhum tema pré-determinado. Escreviam sobre a história de vida, sobre o trabalho, a luta do dia-a-dia. Recolhemos essa redação do Seu Virgínio que, depois, seguiu para o supletivo do bairro.

5. "MOVIMENTO POPULAR E ALFABETIZAÇÃO"

Toda a vida do bairro, tudo o que atinge as famílias, passa a ser o conteúdo das aulas de alfabetização.

O tema da Moradia está sempre presente. Em 1988 e 1989, aqueles que moravam de aluguel foram duramente atingidos pela alta das prestações. Dois movimentos surgiram em defesa da população - "UNIÃO DA MORADIA" e "SEM TETO E SEM CHÃO". Nas aulas, o assunto era debatido e os alunos davam sua opinião.

"A luta popular por moradia" - Zefinha F. Araújo

Embr, 8 de Novembro de 1989
tema a luta Popular por moradia
como é triste a vida de quem paga
aluguel. Quando agente paga aluguel
a situação é triste, é um dinheiro que
vai e não volta mais. agente passa
uma vida tão difícil, agente tira
o dinheiro do leite e do pão da nossas
crianças para pagar o aluguel, o
problema de moradia é muito grave.
meu Deus o que vamos fazer com tanto
favelado que sofre por não ter onde
morar? Zefinha F. Araújo

Em 1990, os bairros do Embu foram atingidos pela falta de água e, mesmo assim, as taxas cobradas eram absurdas!

"A falta de água no Embu"

falta de água no Embu
no município está uma tristeza
falta água todos os dias quem
tem caixas de coletar água
ainda bem, mais quem não tem
sofre muito se não mudar não sei
o que será de toda a povo
algumas mulheres estão
começando a se organizar para ir
na Sabesp reivindicar
que não falte mais água nos
mossos bairros
já pagamos as contas tão altas
temos o direito de ter água.
maria aparecida almeida Soutos

"O texto escolhido, conta a monitora Maria de Lourdes Moraes, foi a conta de água do mês. As pessoas estavam preocupadas com o valor das taxas e com a ameaça de corte, caso as contas não fossem pagas. Tivemos uma conversa na classe e cada aluno decidiu falar do assunto com os vizinhos para ver qual a providência a tomar. O pessoal se reuniu, juntou as contas anteriores e percebeu que havia erro. Foram todos à SABESP para reclamar. Os alunos, então, aproveitaram para escrever sobre o assunto, expressando sua revolta e a busca de soluções."

"Posto de Saúde"

Embu 8 de março de 1990
Aqui no Parque Luiza
precisa muito de um posto
de saúde porque agente
que tem criança sai
de casa cedo para ir
ao posto, quando chega lá
tem uma fila e emnormem
não dá para agente passar
a criança no medelo.
Porisso Aqui este bairro
precisa de um posto de saúde.
nós mulheres temos que
lutar por isso gostaríamos
de fazer parte comição.
Marilda Gomes de Araújo Silva

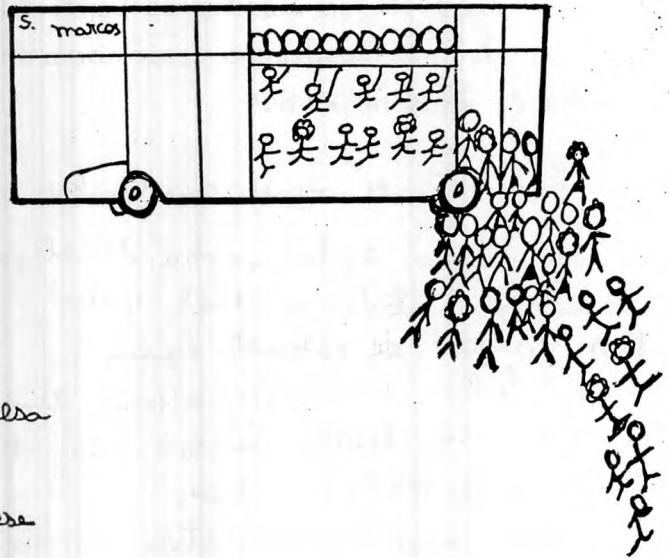
"Desse tema, continua Maria de Lourdes, surgiram vários outros. Falamos sobre saúde, higiene, falta de esgoto, o lixo e, principalmente, a necessidade urgente de um Posto de Saúde no bairro.

No município do Embu as necessidades são tantas que tudo se transforma em Movimento Popular. O transporte é péssimo - resultado do descaso das autoridades. Uma carta aberta foi levada para os grupos de alfabetização e foi bastante debatida pelos alunos. Nesta carta a população reivindica:

1. CONSTRUÇÃO IMEDIATA DO CORREDOR DE ÔNIBUS NA FRANCISCO MORATO
2. QUE O ESTADO ASSUMA AS LINHAS INTERMUNICIPAIS
3. CRIAÇÃO DE UMA EMPRESA MUNICIPAL NO EMBU
4. AUMENTO IMEDIATO DO NÚMERO DE ÔNIBUS NAS LINHAS INTERMUNICIPAIS E MUNICIPAIS.

"Luta pelo Transporte"

Ponto final de pinheiros - S. Marcos



Na ponto final de ônibus de pinheiros
depois das 5 horas da tarde ninguém
consegue mais entrar no ônibus e
mulher grávida sendo empurrada e balsa
debaixada quem fica na fila não
consegue entrar no ônibus um dia desse
meu pé ficou preso quase que eu caí até
fiquei machucada eu sempre me
pergunta quando tudo isso vai acabar
quando nós vamos ter os nossos direitos
respeitados e não pagamos um
preço tão alto pelo transporte
ao menos deveria ser bem melhor.

Ana Rita Lima de Souza

O custo de vida é uma constante nas aulas. Na chegada, a dona-de-casa já vai comentando - "Vocês viram o aumento do pãozinho? É um absurdo!" E depois de muita conversa, D^a Geni resolve escrever sobre o assunto.

O Pão

Eu não gosto de pão queimado
agente paga caro no Pãozinho
e cada dia vai ficando mais
caro e mais pequeno O Pão doce
que eu gosto é muito gostoso só que
é o pão do rico que tem leite
com pão doce a menina pede
pão de sal e o pai não tem
dinheiro para pagar. Eu gosto de
pão-de-lo mais... é muito caro
aguentei não pode comer mais
nada nem pão nem nada só
quando as coisa mudar eu
vão lá mudando pra pior.

Geni Pereira - 60/11/50

6. FESTAS JUNINAS

Escolhemos este tema porque as festas juninas fazem parte da vida do povo. Nós, as monitoras, ficamos sabendo de coisas diferentes da terra de cada um. Vimos como os nordestinos são simples e fiéis a tudo o que é de sua região: comida, tradições, família, música. Alguns alunos contaram que na Bahia as festas são muito animadas, mas quando os donos da casa querem terminar a festa, eles jogam pimenta no salão. Conforme os festeiros vão pisoteando durante as danças, vão amassando os carocinhos e aí começa a subir um cheiro ardido. Em pouco tempo começa aquela espirradeira danada. Os dançarinos ficam sem graça e vão saindo aos poucos. Quando se vê, não tem mais ninguém no salão!

Outra coisa interessante é a árvore da sorte: Os organizadores da festa sobem numa árvore e amarram nos seus galhos uma porção de prêmios - em cada galho um brinde. Embaixo e em volta do tronco, improvisam uma fogueira. Conforme vai queimando o tronco, começa a algazarra, pois a árvore cai e todos caem em cima dos galhos para pegar os prêmios.

Outra brincadeira é o "quebra-pote": - os festeiros colocam dois paus enfiados no chão e atravessam outro por cima. Nesse que fica em cima, dependuram um pote com um gato dentro e logo depois amarram a boca do pote. Em seguida vem uma pessoa com uma venda nos olhos e um porrete nas mãos para bater no pote. Se ela acerta, o gato cai e sai correndo em meio aos gritos de todos.

Quanto às comidas, os alunos disseram que na fogueira se assa batata-doce, milho, fazem churrasco, servem pipoca, cocada, doce de leite, broa de fubá. As bebidas preferidas são cachaça, feita em alambiques, aquelas "purinhas", jurubeba, "leão do norte", cachaça-genebra e batidas de todos os sabores.

Em cada casa se dança o forró. As pessoas vão entrando em todas as casas pra ver qual é o melhor. Então cada um acaba ficando no forró que estiver mais quente.

Aproveitamos nesse mês de junho para trabalhar com várias palavras que eles queriam aprender: **COMIDA, BEBIDA, CACHAÇA, CHURRASCO, FAMÍLIA, FUBÁ, MÚSICA, PRÊMIOS, FESTA, GALHO, FOGUEIRA, ÁRVORE, BAHIA.**

Trabalhamos, preparando várias atividades e respeitando os níveis em que se encontravam os alunos.

monitoras: Jeane e Edite

Jardim Novo Campo Limpo - Embu

FESTA NO INTERIOR

(Redação Coletiva)

"As festas juninas no interior são bastante animadas. Nem parece com a festa na cidade, onde só tem violência e ninguém pode brincar.

Em nossas terras é diferente porque as pessoas são mais amigas. Por isso tem quadrilha, pipoca, arroz doce, canjica e o melhor de tudo é o forró que vai até o sol raiar.

Ah! Se São Paulo fosse assim!

Grupo do Jardim Valo Verde



A Fogueira onde
eles ASSAM ba-
tata doce, Mi-
lho e fazem chur-
rascos.



Esta é a brincadeira do
pote, vai uma criança com
uma venda nos olhos e um
porrete nas mãos e tenta
quedar o pote.



Esta é a brinca-
deira da árvore
cheia de prêmios
fazem uma foguei-
ra em volta da
árvore e quando
o tronco queima
a árvore cai en-
tão é aonde o pes-
soal cai em cima
e pegam os prêmios.

Desenhos - monitora
jeane

Em outros grupos, como no Jardim Taima, os alunos escreveram livremente sobre as festas juninas. Apresentamos o texto de Rosita Rodrigues de Souza.

Redação da festa junina

A festa junina do arraial do morrinho é assim tem muito fogueira de cordão e todas as pessoas dançam, adulto e crianças.

Usamos fazer fogueira e assar milho fazer jamonbra curau bolo de milho assado no forno de pedra, é assim que faz, põe o milho de molho na água morna, de um dia para o outro, no outro dia passa o milho na máquina e depois passa na peneira depois pega a massa põe em uma bacia, molha com leite e açúcar uma pitada de sal e canela a gosto.

Depois pega uma folha de pé de ba corta em pedaços que dê para fazer um bolo, põe a massa encima do pedaço da folha, enrola e põe encima da pedra vai virando de um lado para o outro até assar e pronto, é só comer o bolo caseiro e fresquinho e está toda mundo contente, solta muitos fogos, depois vinho come batata assada na fogueira,

Dança solta fogueira fog batizado até o dia amanhecer e no outro dia continua a festa. A festa lá é assim

25-6-90 Rosita Rodrigues de Souza

7. "NOITE DE LUA"

Durante o mês de junho, alguns grupos trabalharam com uma poesia in titulada "Noite de Lua" (autor desconhecido por nós)

NOITE DE LUA

*É noite de lua
naquela rua
que se enfeita
que se ajeita
com bandeirinhas
fogos e balões
sanfonas e violões.
Maria bonita
de laço de fita
de saia rodada
de manga fofada
de franja na testa
faz bonito na festa
a meninada
toda enfeitada
dança quadrilha
na noite que brilha
e vê o casamento
da Chica com o Bento.
Que venha o quentão
que é noite de São João.*

(autor desconhecido por nós)

Como trabalhamos o texto:

Cada um recebe uma cópia do texto

1. Tempo para leitura silenciosa
2. Leitura em voz alta feita pelo monitor
3. Troca de idéias sobre o texto.

O texto provocou muita conversa - cada um tinha uma história para contar e explicar como eram os festejos de junho na sua terra - o povo muito animado organizando missa e quermesse por ocasião das festas de Santo Antonio, São Pedro e São João.

4. Separação em níveis para o estudo do texto.

No grupo não temos alunos pré-silábicos.

Escolhemos uma estrofe para ser trabalhada:

**"A meninada
dança quadrilha
e vê o casamento
da Chica com o Bento"**

a) Atividades para os silábicos e silábicos-alfabéticos:

- quantas palavras tem a estrofe
- fazer um círculo em volta das vogais
- quais as consoantes que aparecem no texto? colocá-las em ordem alfabética
- achar palavras que comecem com essas consoantes
- completar com as vogais:
m__nin__ d__
quad__lh__
C__s__ment__
Ch__c__
- completar com as consoantes:
quad__ilha
dan__a

b) Para os silábicos-alfabéticos e alfabéticos:

- Leitura e contagem das sílabas de cada palavra da estrofe - colocar o número de sílabas embaixo:

MENINADA

4

QUADRILHA

3

VÊ...

1

- Jogo de bingo:

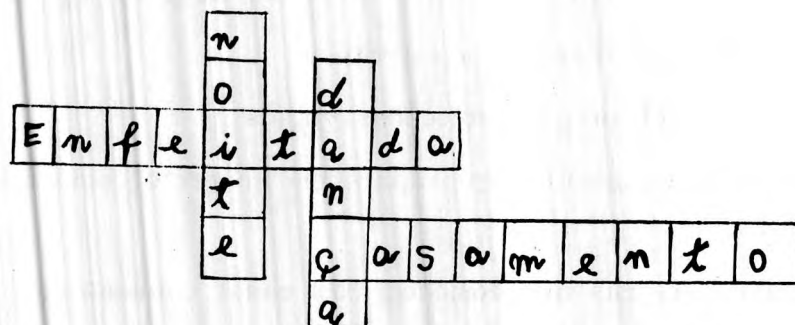
Q	U	A	D	R	I	L	H	A
---	---	---	---	---	---	---	---	---

- Jogo de bingo com mais de uma palavra:

				L	A	Ç	O				
		R	U	A			L	U	A		
		S	A	I	A			F	I	T	A
		M	A	N	G	A					
		B	O	N	I	T	A				

Eliana Oliveira

- Palavras-cruzadas



Gracias Mariana Rosa

- completar as frases:

È noite de _____

Naquela -----

_____ é bonita

de laço de _____

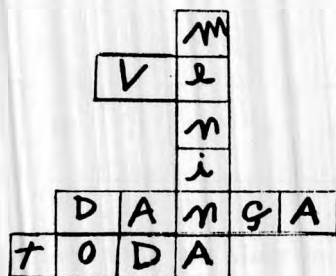
de saída _____

- Escolher uma palavra do texto e fazer uma frase:

"Maria de saia rodada

de manga fofada faz bonito na festa"

- Jogo de palavras-cruzadas:



vaudeli

5. A produção de Textos

Não é só a produção de textos, a redação, que é importante. O exercício da memória, o resgate daquilo que aprendemos de cor é igualmente importante.

A monitora Odilene, do Jardim Casa Branca, incentivou as "quadrinhas" do tempo de São João. Foi assim que a Donira, o Alair e D^a Francisca consegu

ram se lembrar dos versos que se seguem. Donira dá até uma explicação de como eram recitados esses versos:

Batatinha quando Narre.
esperamos pelo O Chão.
Mamazinha quando dorme.
Bonhe amão no Coração.

x x x

Pidi um Copo d'agua.
Metrorero na Caneca.
Trto Memo que eu queria.
Sinturinha de boneca.

x x x

Meu amor brigou comigo.
Men deixou na Solidão.
Como e ruim briga de amor.
Como doi Meu Coração.

x x x

Joguei Meu lenço branco.
Na porta do Rimitero.
Se Não for para Carar.
Namorar tabem Não quero.

x x x

Embu 5-12-90

Eu aprendi estes versos em
festas Juninas lá na Minha
terra em Minas Geras.
Nós cantava roda jogava
versos para Os Namorados
e para fazer as Meninas
perder a timides.

Donira Rosa da Cruz

12.11.90 Alair Jorge de Andrade

lá no seu esta trasegando
mas não é para chover
meu amor esta doente
mas não é para morrer.

Sentei na beira d'agua
para ver os peixe nadar
os caçado tem intrega de ver
osouteiro namorar.

Escondi meu aneu
no buraco da parede
quem achar me da de vouta
meu aneu da pedra verde.

trepei no pé de manga
para pambair manga pra ela
o galho de manga quebro
eu cai no colô dela

agora eu vou trabalha
esforçado no serviso
quei trabalha que receber
quei paga quel serviso
quei xaba o suol do outro
nao chega no pé de visto

ATENÇÃO - O quadro abaixo é apresentado como sugestão/exercício para aqueles que pretendem planejar seu trabalho a partir da prática, de acordo com a concepção metodológica dialética.

TEMA GERAL - O TRABALHO DE ALFABETIZAÇÃO NO EMBU - 1991				
TEMA	ASPECTOS	O B J E T I V O S	TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS	AVALIAÇÃO
Festas Juninas	- Cultura Popular - Histórias de vida - Resgate da tradição ligada às festas juninas - Participação nas atividades das comunidades - Registro escrito dos alunos - Trabalho com os níveis de escrita	- Valorizar a cultura de cada um, - Resgatar as histórias de vida, - Incentivar a retomada dos costumes e da tradição nas comunidades, - Incentivar a participação nas atividades juninas das comunidades locais, - Motivar os alunos a registrem por escrito suas histórias, lembranças, a tradição de seu lugar de origem... - Ajudar o aluno a vencer o nível em que está e passar para o nível seguinte.	Nível oral - Troca de experiência a partir das diferentes culturas dos alunos. Nível escrito - Redação coletiva a partir das colocações dos alunos. - Texto - "Noite de lua" - - leitura e compreensão - interpretação do texto - incentivo a redação de texto em prosa ou poesia, a partir do texto e das lembranças dos alunos - Trabalho com os quatro níveis da escrita - exercícios relacionando a redação coletiva e o texto/poesia com o alfabetário do aluno, com o silabário - jogos: pirâmide, escadinha, caça-palavras, palavras-cruzadas... Leitura - Acrescentar textos relativos ao tema à biblioteca do grupo (uma caixa de papelão contendo textos para consulta dos alunos).	

OBSERVAÇÃO - O quadro abaixo é o resultado da sistematização do trabalho feito em conjunto: alunos, monitores e supervisor durante o mês de junho de 1990 - quadro elaborado durante a reunião de monitores.

SISTEMATIZAÇÃO DO TRABALHO REALIZADO SOBRE O TEMA - "FESTAS JUNINAS" - Embu - 1991				
Nível oral: - alguns monitores trabalharam a partir da redação coletiva (pg. 46) - outros trabalharam a partir do poesia/texto "Noite de lua" (pg. 48) Nível escrito: - tanto a redação coletiva como a poesia serviram de ponto de partida para o trabalho dos níveis da escrita e serviram de incentivo para a criação de novos textos, agora produzidos pelos alunos (pg. 47 a 51) - o quadro ao lado mostra como o mesmo texto pode ser trabalhado por todos os alunos, desde que se respeite o nível de cada um e ajuda a sistematizar o trabalho, que segue um ritmo próprio: planejamento - sistematização - no planejamento a partir da prática... Leitura: - alguns alunos trouxeram textos de revistas e livros didáticos.				
- Neste espaço são colocados trabalhos dos alunos: redação coletiva ou individual, exercícios propostos a partir dos textos dados. - É um trabalho feito em mutirão, durante a reunião quinzenal. - Cada monitor tem oportunidade de colocar como desenvolveu o tema com o seu grupo: os acertos, as dificuldades, as descobertas. - É também neste espaço que supervisor e grupo de monitores avaliam os objetivos propostos para a quinzena. (Ver objetivos)				
TEXTO	FRASE	PALAVRA	SÍLABA	LETRA

8. O NEGRO

Em 1990, demos prioridade ao trabalho com poesia e letras de músicas, conhecidas ou não pelos alunos.

No mês de novembro, por ocasião da comemoração de Zumbi, refletimos sobre o texto de Milton Nascimento e Fernando Brant. Depois do estudo do texto, interpretação e debate, os alunos escreveram livremente sobre o assunto:

A COR DO HOMEM

Milton Nascimento e Fernando Brant

*Mas como pode um homem
escravizar outro homem?*

*O homem negro não é melhor
que o branco, nem pior
a pele branca não é pior
que a vermelha, nem melhor
a pele negra, branca, vermelha, amarela
é apenas a roupa que veste um homem
- animal nascido do amor
criado para pensar, sonhar e fazer
outros homens
com amor.*





Rudação sobre os negros (as)

No tempo da escravidão os escravos eram os negros agora no mundo em que vivemos somos todos escravos o branco e preto. O homem branco é escravo do outro homem branco o preto é escravo do preto as escravidão de verdade tem agora no Brasil, somos todos escravos só que agora tem uma diferença somos escravos das fabricas ganhando um salario miseravel e os pretos e os brancos aceitando tudo isso.

Rosita Rodrigues de Souza

tem gente que pensa que não existe mais a escravidão mas existe sim não é como era antes.

nos somos todos iguais por que nosso Deus é um só somos todos filhos de Deus e por causa da pele negra e da pobreza eu acho que não faz diferença.

Romana Moreira Gonçalves

Eu miacho escravizada porque minha vida é trabalhar todos os dias pra mim é mas do que escravizada agora não por isso que eu vou abitar aminha cabeça.

Flora Maria Ferreira

9. "O CAPIM"

Tem um ditado que diz - dinheiro chama dinheiro. No nosso caso ele foi traduzido assim: verso chama verso.

Durante todo o ano, trabalhamos com poesia mais do que com texto em prosa. Já no final, apresentamos um canto dos Lavradores de Goiás que ficou conhecido como "O Capim". Foi um sucesso! Perguntamos aos alunos o que tinham achado da letra - se era alegre ou triste. D^a Sebastiana, com seus 60 e poucos anos respondeu: - "Não é triste, não. Esse canto é só um modo de tirar um sarro da gente!" E por causa deste texto, que lembra o desafio, muita gente se sentiu provocada a continuar a cantiga ensaiando seus primeiros versos, como se estivesse respondendo ao cantador.

Vejamos primeiro o texto, e depois alguns versos dos alunos:

"O CAPIM"

Isso é mesmo um absurdo
Para mim chegou o fim
Pelo jeito que estou vendo
O povo vai comer capim.

Quando for de manhã cedo
Na hora de levantar
A semente do capim
Vai ser café para tomar.

E na hora do almoço
Vai ser o dengo e o jaraguá
Colonião e napiê
Vai ficar prá merendar.

Capim gordura e mineirão
E o angola é prá jantar
E a grama é papinha
Prá o menino desmamar.

Toda hora de comer
O braquiara deve estar
É famoso em vitamina
Para o povo reforçar.

(Canto dos Lavradores de Goiás)

na hora do almoço as crianças
vai chorar querendo
mas vamos comprar umas
batatas para li alimentar
para o jantar nem a casca
vai ficar.

para o menino desmamar
da grama fago chá para ele
cozar será que vai alimentar
não tem nada para dá

Dulcílina Francisca da Rocha

ao presidente

ao presidente eu agora
vou falar ao dito que a coisa esta
o povo vai mal se alimentar
quando for de manhã cedo na
hora de levantar mim troco
rapidinho para meu trabalho
enfrentar.

isso para mim e o fim
do dito que a coisa esta o povo
vai comer capim o mundo esta
chegando ao fim?

na hora do almoço
vai ser assim

marajá vai se
alimentar com chapaneira e cariar
e o povo no sufoco vai comer
denço e Jaraguá.

marinalva Ferreira Santos

25.10.90

Presidente eu agora vou falar
pelo dito que a coisa esta
o povo vai mal se alimentar

quando for de manhã cedo
eu vou mim levantar para ir
por meu trabalho o pão
queiro ganhar.

Para mim chegou o fim os
mal acontecendo a coisa esta
ruim os pobres estar sofrendo
os ricos estão dizendo que
estar bom assim.

E na hora do almoço eu vou
lhe confesar não sabia mei
um trocando para mim
merendar.

Eu platio no meu fardim
a sermente do capim que e
feito pra mim na roça e
alimento para todos os viventes
que vive do capim.

25 de 10 de 1990

Romana Moreira gonzalez

30/10/1990

ao presidente eu agora
vou falar pelo dito que a
coisa esta o povo vai mal se
alimentar

Agora só dá capim feição que
planta não dá gosto do o
coração e machuca pra dona
trabalha, com digostopor
que não e vida e gente comer
capim

Desafar, liberdade de E o primeiro
passo, para, possui ela na
soresta, para mim cantar
alegre

Sebastiana gome Valentin

ao Presidente eu agora
vou falar. Pelo dito que a coisa
esta o povo vai mal se alimentar

quando for de manhã cedo
na hora de levantar eu meus
dentes eu vou escovar para a
lata tomar.

e na hora da almoço e a maior
confusão e muita gente vendo
avres pra poder compra a Peito.

ao meu Deus eu agora vou
falar que tanta dor do povo que
não pode nem trabalhar de tanto
dol quenti que só falta queimar.

menino Pequeno que não pode
mais mamar se for rico tem tudo
se for pobre Presira trabalhar.

toda hora de comer e amaior
confusão as criança querendo comer
as mãe dizendo que não.

Maria AParecida Nogueira Alves

31-10-1990

No grupo de São Marcos, o Canto dos Lavradores de Goiás provocou uma redação coletiva. Na conversa, as alunas puderam trocar experiências sobre o seu "saber" quando se trata de plantas medicinais:

Embu, 19 de outubro de 1990

A utilidade das plantas

(Redação Coletiva)

Na nossa terra, o povo conhece de tudo. O povo morre de fome, mas por falta de remédio é muito difícil. Os remédios caseiros sempre estavam na casa de nossos pais.

Criança nenhuma comia um fruto que fosse venenoso. Eles já conhecem todos. As raízes que curam, as folhas milagrosas que curam inúmeras doenças. No interior existe uma planta que nós usávamos para lavar louça parecia sabão. Tinha uma outra chamada "baba de bode" que servia de shampoo e deixava os cabelos bem macios. Outra planta chamada arueira servia para escovar os dentes; outra chamada guaraná servia para tingir as roupas; outra servia para perfumar as roupas e por aí vai.

O que dá pena na gente é que os fazendeiros, para plantar o capim, acabam com as plantas, enchem o pasto de gado e vai acabando tudo, enquanto o povo não tem onde plantar os seus alimentos e fica passando fome. O pasto fica cheio de gado. E pra que? Se nós não temos dinheiro para comprar carne!

Grupo de São Marcos

Os grupos do Jardim Valo Verde e Jardim Casa Branca criaram várias atividades a partir do texto. Vejamos:

Anna Lino dos Santos
Embu, 12 de novembro de 1990
Jogo de pedaços de palavras:

al me	com mo ni	te ra la
gar fa	mo	no so
am se	du go	so
le	men	tar

Almoco - gordura - menino
Semente - angola - farnoso

Ditado do Texto

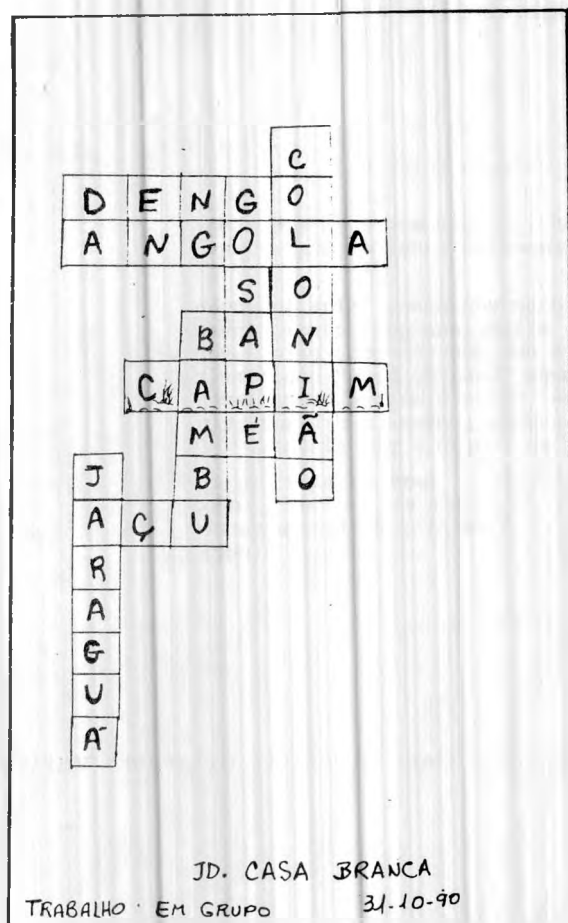
- | | |
|----------|-------------|
| 1 fim | 7 vida mina |
| 2 menino | 8 café |
| 3 cedo | 9 grama |
| 4 hora | 10 farnoso |
| 5 povo | 11 mineirão |
| 6 pelo | 12 fim |

Embu 13 de novembro de 1990
Ana Lima dos Santos

Jogo de caça palavras do Texto
"o capim"

MIM - CHEGOU - COMER - CAPIM
VENDO - POVO - MESMO - ABSURDO.

C	O	M	E	R	T	E	A	C	P	X	R	S	T	N
O	B	P	R	S	E	M	X	C	H	E	G	O	U	Z
S	L	E	P	O	N	A	X	V	T	E	H	S	R	A
T	C	A	P	I	M	V	A	D	B	M	I	M	S	T
A	C	D	T	L	E	P	O	V	O	D	C	B	A	S
L	V	E	N	D	O	E	S	U	S	H	L	T	U	X
N	O	P	M	R	S	M	E	S	M	O	T	O	R	Q
Z	A	C	L	H	E	X	T	R	Q	A	B	O	U	P
Q	R	T	E	M	A	B	S	U	R	D	O	X	O	



Embu 8 de Novembro de 1.990

Nome Silvina Fernandes

Isso é mesmo um absurdo

Para mim chegou o fim

Pelo jeito que estou vendo

O Bovo vai comer capim.

Separar essas palavras em pedacos:

mesmo = mes - mo

chegou = che - gou

viendo = ven - do

pelo = pe - lo

feito = fei - to

isso = i - so

capim = ca - pim

comer = co - mer

para = pa - ra

fim = fim

Embu 12 de novembro de 1990
Vandeli machado

Complete as frases do texto

Para mim chegou o fim

A semente do capim

Capim gordinho e mineirão

É a angela pra fantar

É famoso em vitamina

Para o povo refogar

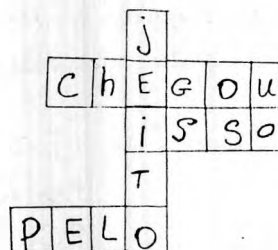
Faça uma frase

Conheço o capim
gordinho.

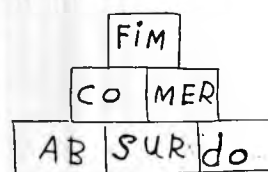
Nome Silvina Fernandes

Embu 12 de novembro de 1.990

jogo de palavras cruzadas do
texto do "capim".



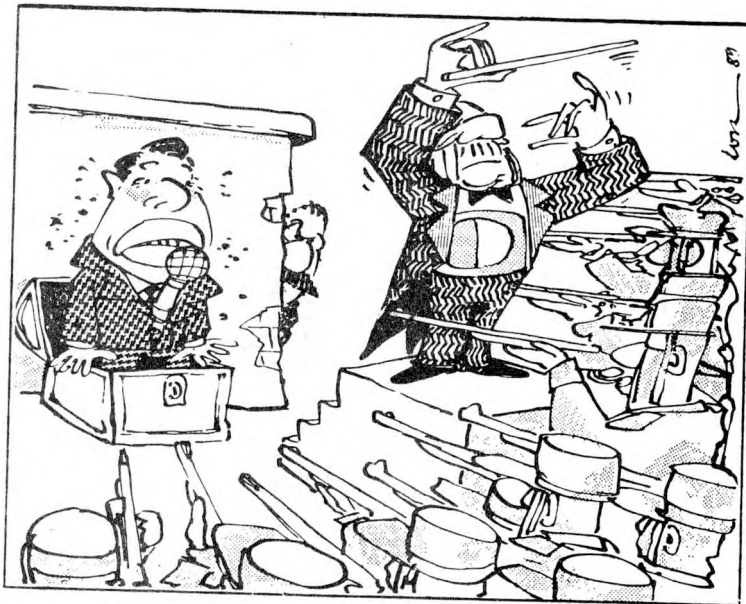
jogo de pirâmide



10. O PACOTE E AS ELEIÇÕES

Dependendo da conjuntura nacional e local, surgem debates na classe. Os alunos chegam reclamando do pacote, do congelamento do salário, preocupados com a falta de emprego...

Apresentamos aqui uma redação coletiva sobre as eleições presidenciais de 1989.



"O HOMEM DO BAÚ"

"Acabou a brincadeira! Até que enfim o circo acabou e Silvio Santos foi pra dentro do baú. Não adiantou nada ele negar e dizer que não faz parte do SBT e que era apenas funcionário, quando to do o povo está cansado de saber que realmente ele administra o SBT."

**Grupo do Jardim
Valo Verde**

Neste ano trabalhamos com uma poesia de um animador de Comunidade, o Antonio Rocha da Costa - "Os descamisados" e com a leitura de uma caricatura do Henfil sobre o pacote.

"OS DESCAMISADOS"

(poesia de Antonio Rocha da Costa
Comunidade São Marcos)

1. Me desculpe, cidadão,
mas esta situação me deixa contrariado,
pois, alguns têm o poder
fazem a maioria sofrer
deixando-os descamisados.
Do jeito que a coisa está
já não dá mais para aguentar!
Mas até que tá engraçado:
o povo levou calote,
e ainda diz que o pacote
foi pior pro endinheirado.
2. tem gente perdendo o emprego
acabando com o sossego
mas ficam na ilusão,
porque vê na reportagem
que o pobre levou vantagem
e quem perdeu foi o patrão.
Tem gente nesse país
que acredita estar feliz
cheio de admiração...
Está muito satisfeito
e ainda bate no peito
-"Eu não errei na votação."
3. O pobre trabalhador
que derrama o seu suor
já demora prá sorrir...
com o salário congelado
e os preços liberados
já não sobra prá vestir.
Quero dizer com franqueza
- "Minha gente, é uam beleza
o sistema que está aí.
Não pro pobre brasileiro
mas pro rico estrangeiro
Lá do F.M.I.
4. Caro amigo arrependido
com seu voto destruído
já é hora de acordar...
Cair na realidade
prá uma nova sociedade
a gente se preparar.
Com licença pessoal
me desculpe se fui mal
mas já vou me arretirar...
Porém deixo o meu recado
que você conscientizado
não pode desanimar !

Henfil

O Pacote é
ótimo!
EU é que
sou ruim...



Embú 28 de Junho 1990

Nome Silvana Fernandes

O Beste não foi nada bom
Porque deixou muita gente
desempregados e muita mãe com
seus filhos passando falta da
alimentação o Pai chora por
a falta do emprego espero que o
governo pense mais na humanidade
e melhore de empregos e um melhor
salário para que o povo possa viver
melhor

"Tuboss da Serra" 28 de Agosto de 1990 -

Cooperário chegando em casa muito triste.

A mulher preocupa perguntando:

O que está acontecendo, você está chorando?

Ele respondeu: O que nós vamos fazer fui

mandado embora tem um filho para dar o que comer

ele é inocente não sabe o que está acontecendo

e por isso estou sofrendo, espero que breve arranhei

um emprego para resolver esta situação.

Antes deste plano colar a inflação subia mais

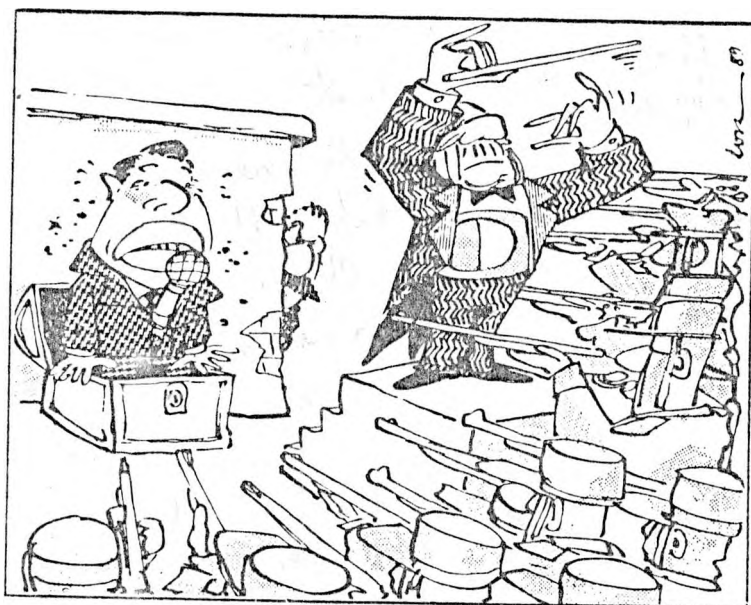
eu sempre tive meu emprego.

Uma amareira da Silva Costa

10. O PACOTE E AS ELEIÇÕES

Dependendo da conjuntura nacional e local, surgem debates na classe. Os alunos chegam reclamando do pacote, do congelamento do salário, preocupados com a falta de emprego...

Apresentamos aqui uma redação coletiva sobre as eleições presidenciais de 1989.



"O HOMEM DO BAÚ"

"Acabou a brincadeira! Até que enfim o circo acabou e Silvio Santos foi pra dentro do baú. Não adiantou nada ele negar e dizer que não faz parte do SBT e que era apenas funcionário, quando to do o povo está cansado de saber que realmente ele administra o SBT."

Grupo do Jardim
Valo Verde

Neste ano trabalhamos com uma poesia de um animador de Comunidade, o Antonio Rocha da Costa - "Os descamisados" e com a leitura de uma caricatura do Henfil sobre o pacote.

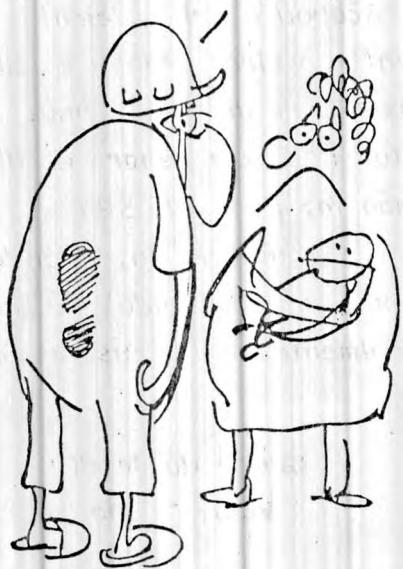
"OS DESCAMISADOS"

(poesia de Antonio Rocha da Costa
Comunidade São Marcos)

1. Me desculpe, cidadão,
mas esta situação me deixa contrariado,
pois, alguns têm o poder
fazem a maioria sofrer
deixando-os descamisados.
Do jeito que a coisa está
já não dá mais para aguentar!
Mas até que tá engraçado:
o povo levou calote,
e ainda diz que o pacote
foi pior pro endinheirado.
2. tem gente perdendo o emprego
acabando com o sossego
mas ficam na ilusão,
porque vê na reportagem
que o pobre levou vantagem
e quem perdeu foi o patrão.
Tem gente nesse país
que acredita estar feliz
cheio de admiração...
Está muito satisfeito
e ainda bate no peito
-"Eu não errei na votação."
3. O pobre trabalhador
que derrama o seu suor
já demora prá sorrir...
com o salário congelado
e os preços liberados
já não sobra prá vestir.
Quero dizer com franqueza
- "Minha gente, é uam beleza
o sistema que está aí.
Não pro pobre brasileiro
mas pro rico estrangeiro
Lá do F.M.I.
4. Caro amigo arrependido
com seu voto destruído
já é hora de acordar...
Cair na realidade
prá uma nova sociedade
a gente se preparar.
Com licença pessoal
me desculpe se fui mal
mas já vou me arretirar...
Porém deixo o meu recado
que você conscientizado
não pode desanimar !

Henfil

O Pacote é
ótimo!
EU é que
sou ruim...



Embu 28 de Junho 1990

Nome Silvana Fernandes

O Pacote não foi nada bom
Porque deixou muita gente
desempregados e muita mãe com
seus filhos passando falta da
alimentação o Pai chora por
a falta do emprego espero que o
governo pense mais na humanidade
e melhore de empregos e um melhor
salário para que o povo possa viver
melhor

"Tabaco da Serra" 28 de Agosto de 1990.

Cooperário chegando em casa muito triste.

A mulher preocupada pergunta:

O que está acontecendo, você está chorando?

ele respondeu: O que nós vamos fazer fui

mandado embora tem um filho para dar o que comer

ele é inocente não sabe o que está acontecendo

e por isso estou sofrendo, espero que breve arranhei

um emprego para resolver esta situação.

Antes deste plano colar a inflação subia mais

eu sempre tive meu emprego.

Uma amarela da Silva Costa

11. "O REI CAFÉ"

Um texto, se for bem trabalhado, pode provocar nos alunos produções muito diversas. Partindo, por exemplo, da compreensão e do debate sobre "O Rei Café", de Milton Nascimento e Fernando Brant, as monitoras procuraram, inicialmente, discutir os fatos da história, recolher as informações que os alunos tinham sobre eles. Nesse momento, o aluno estará resgatando mais do que o passado do seu povo. Ele poderá perceber a relação entre a história pessoal e a história mais ampla do povo brasileiro.

Esse texto e outros podem ser aproveitados sob três aspectos:

1. O que o texto fala sobre ele mesmo - é o momento da **leitura e compreensão** do texto.
2. Podemos ver o que o texto provoca, sugere, que questões ele levanta. É o momento da **troca de experiências, do debate**. O aluno parte dos conhecimentos que ele tem da realidade e, na relação com os outros, amplia esses conhecimentos. Nesse processo ele estará sempre **produzindo novos conhecimentos**.
3. Todo texto trabalhado em sala de aula pode provocar outros textos. Cabe ao monitor incentivar os alunos a produzirem o seu texto, que é a forma mais completa de alguém dizer a sua palavra sobre o mundo.

REI CAFÉ
 O Café é uma planta muito
 delicada. se faz o canteiro e
 se cuida a semente depois que
 nasce a gente vai cuidar dele
 até chegar a colheita.
 se colhe o café do pé e a gente
 vai por no sol para secar e
 depois abanar o café para
 tirar a casca.
 E depois encaixa e transporta
 para a cooperativa. daí que vai
 transportado para outros países.
 E também a gente quando
 tira a casca do café e torra na
 panela a gente mexe até ficar
 bem douradinho aí a gente faz
 o mel de açúcar o da rapadura
 e põe o café dentro e mexe até
 ficar no ponto de por na vasilha.
 depois que esfriar é que a gente
 moí no moíno opila no pilão
 quem não gosta do café torrado
 apressim com o mel e não
 torrar nem nada e moer
 no moíno. Maria da Paixão Alves
 Embú 12 de setembro de 1990



Temos aqui duas amostras de criação de textos a partir do estudo de "O Rei Café."

O nosso Brasil não foi liberto.
 O que produzimos não é nosso.
 É um país muito rico que
 tem de tudo mas nossas
 riquezas são transportadas para
 outros países.
 Os pobres trabalham muito e
 ganham um salário de miséria
 Lucineide Moreira Santos

REI CAFÉ

Lã vai indo o rei café
da terra para o porto
de navio pelos mares
da Inglaterra imperial.

Vai seguindo o rei café
o caminho da madeira
o destino do açúcar
e a sina do metal.

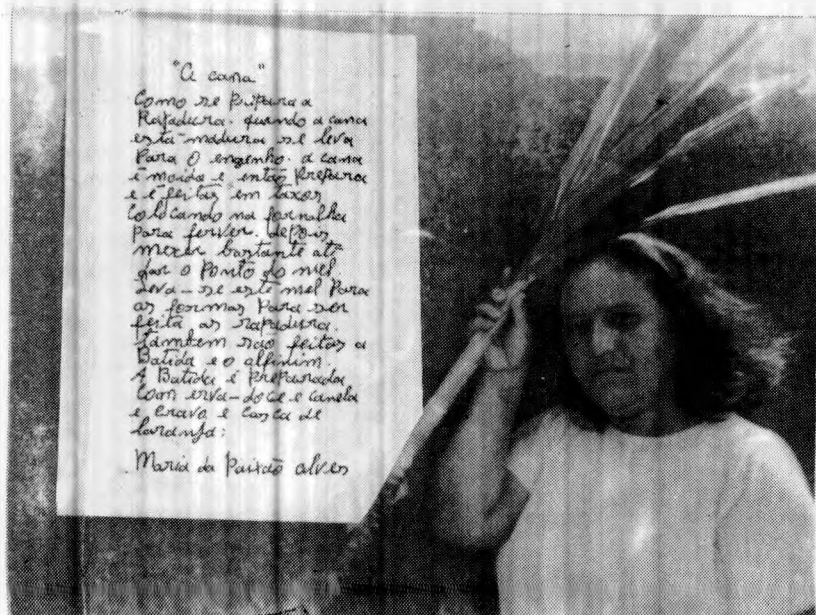
O povo produz e carrega
no lombo a mercadoria
o que é nosso sofrimento
além mar é alegria.

O povo produz e não come
nem filê nem esperança
quem exporta sempre alcança
a miséria e a falência.

E mesmo a Independência
não nos trouxe mais ciência
esquecendo os belos planos
nós sô mudamos de dono.

.....

(Milton Nascimento e Fernando Brant)



Maria da Paixão e seu
texto "A Cultura da
Cana" inspirado na
poesia "Rei Café"

12. O NATAL

Faz parte do resgate da história de cada aluno a lembrança das festas religiosas da sua cidade, do seu estado.

No mês de dezembro os grupos trabalharam uma poesia pastoril do Nordeste. A partir da troca de experiências, os alunos escreveram livremente sobre suas lembranças. Apresentamos a redação de Márcia Cristina, monitora em 1985 e 1986 e a de D^a Maria José Alcântara do Jardim Saporito, Taboão da Serra.

Acreditamos que esse trabalho de resgate das histórias pode ajudar na reconstrução de um povo profundamente desenraizado pela ausência de uma verdadeira política cultural e tão duramente atingido pelos desmandos da política econômica.

O NATAL DO INTERIOR

Lá em Promissão, onde eu vivi até os oito anos de idade, o Natal era esperado com ansiedade. Meu avô criava porcos, galinhas e patos. Plantava mandioca para o Natal. Eu não sabia que era o nascimento de Jesus, mas ficava muito contente. Na minha casa passamos muitas dificuldades de não ter até o que comer. Mas quando ouvia dizer: "O Natal está chegando", era uma grande alegria. Eu sabia que íamos ter muita comida na mesa, roupa nova e minha avó iria fazer os doces de que eu tanto gostava: pamonha, curau, bolo de mandioca e de milho. Meu avô e meu pai eram encarregados de assar o porco. Meus tios se dividiam - uns iam pescar e outros caçar.

As crianças colhiam frutas, mangas, goiabas, carambola, jamba, jaca. Isso era a sobremesa. Minha mãe e minhas tias ajudavam a fazer o almoço mais esperado do ano. Nesse dia toda a família se reunia, juntavam as mesas e enchiam de comida, frutas e doces caseiros. Os donos da casa abriam os dois lados da porta. Filhos, netos e quem quisesse entrar, conhecido ou não, eram todos bem-vindos para sentar à mesa com toda a família. Enquanto todos estavam sentados em torno da mesa, as crianças eram servidas primeiro, de quase tudo, menos do vinho. Mas quando os adultos se distraíam, eu, meus irmãos e primos, mais que depressa, tomávamos o vinho dos adultos e eles ficavam zangados, sem saber quem tinha bebido.

Hoje o Natal não é mais assim. Tudo tem que ser comprado. Quem não tiver dinheiro fica sem. E as casas estão todas de portas fechadas.

Nós éramos ricos e não sabíamos!

Márcia Cristina do Nascimento

Jardim Valo Verde

Redação:

Sobre o natal

No dia 25 de dezembro, nasceu o menino Jesus. Todos as pessoas ficaram alegres. as crianças, homens e mulheres vinham vê-lo trazendo presentes pobres ou ricos.

Perto do estábulo, onde dormia o menino Jesus num berço de palha, havia uma árvore de natal.

Lá no céu as estrelinhas começaram a brilhar. O lindo anjinho alçou para o alto e chamou as mesmas instante elas desceram com boa vontade e foram colocar-se sobre os ramos da árvore de natal que ficou toda iluminada!

Lá no berçinho, dentro do estábulo, os alhos do menino Jesus brilharam ao ver aquela árvore tão bonita! É por isso que as pessoas até hoje enfeitam com luzes a árvore na véspera de natal.

É um dia também que todas as pessoas da família e as amigas confraternizam e fazem um baile, como se estivesse todo mundo se preparando para uma vida nova.

Maria José Alcântara

São Paulo 05-12-90

Pastoril do Nordeste

(autor desconhecido)

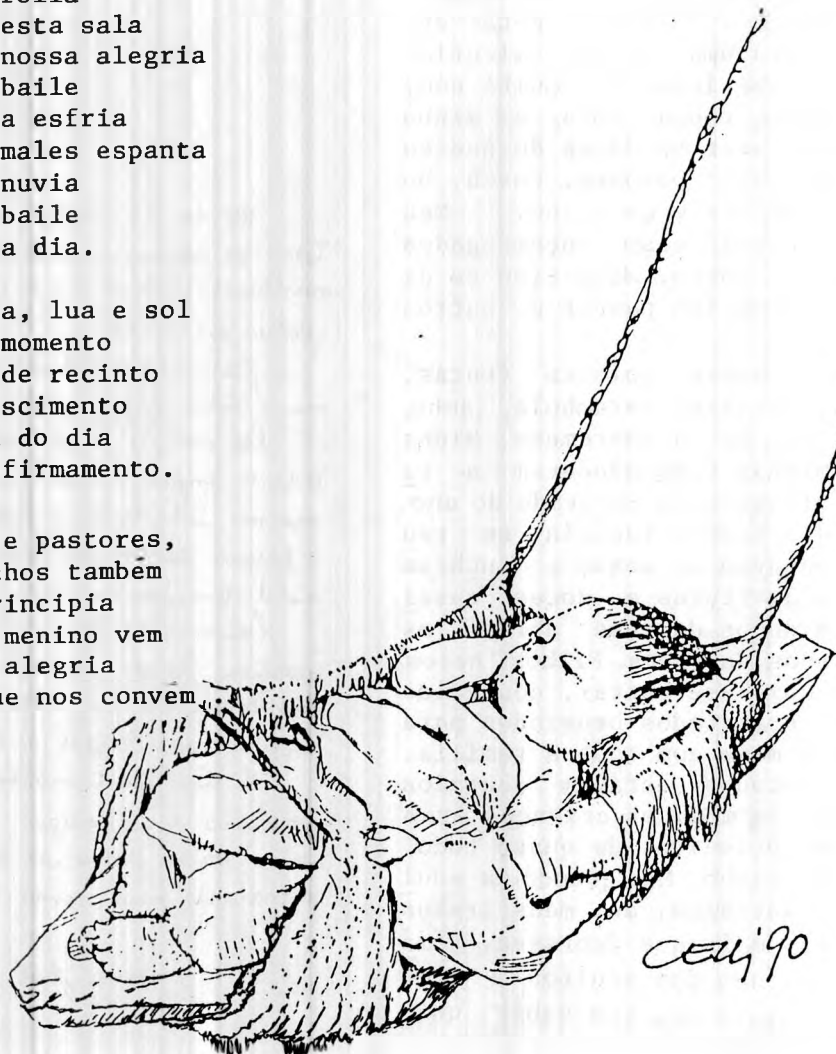
Senhores donos da casa
Jesus, José e Maria
queremos fazer um baile
que emenda a noite no dia
pois quando nasce um menino
renasce toda a alegria
por mais humilde que seja
é a vida que se cria
é a esperança do mundo
que com ele se anuncia.

Senhores donos da casa
Jesus, José e Maria
o baile aqui não termina
o baile aqui principia
do mesmo jeito que o sol
se refaz a cada dia
da mesma forma que a lua
quatro vezes se recria
do mesmo tanto que a estrela
repassa a rota e nos guia.

Senhores donos da casa
meninos desta folia
povo inteiro desta sala
que assiste a nossa alegria
continuemos o baile
o coração nunca esfria
quem dança os males espanta
e o peito desanuvia
continuemos o baile
agora e em cada dia.

Venham, estrela, lua e sol
neste sagrado momento
bailar em grande recinto
louvar pelo nascimento
dançar na roda do dia
da noite e do firmamento.

Venham homens e pastores,
crianças e bichos também
a função já principia
ao baile Deus menino vem
nesta hora de alegria
brincar é o que nos convém



13. REDAÇÃO LIVRE

Neste ano, os monitores se sentiram bem à vontade para propor formas diferentes de redação.

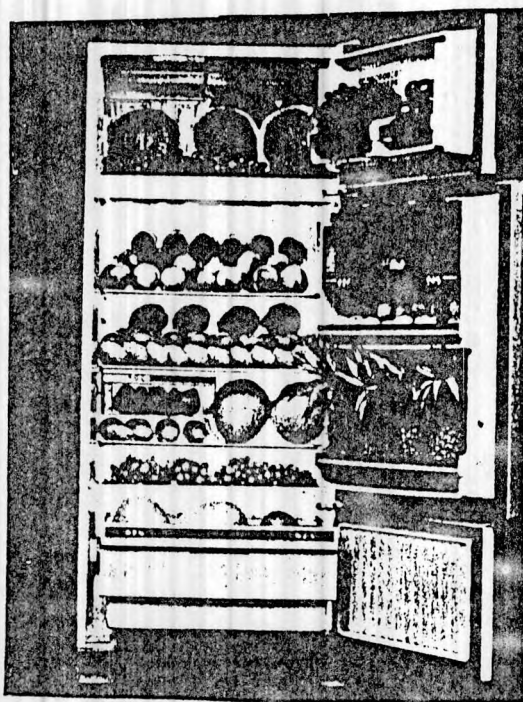
O princípio foi este: - o aluno pode escrever tudo o que quiser - cabe ao monitor criar as condições que propiciem a produção escrita. Alguns exemplos:

1. apresentar recortes sugestivos, tirados de revistas - deixar numa caixa, na sala de aula. O aluno escolhe um e escreve o que a gravura lhe sugerir. É o caso de Hermogênea, que escolheu uma cédula do tempo dos cruzados e da Silvina, ao recortar um ferro de passar roupa. Outra forma é o aluno recortar da revista e criar a redação a partir do que escolheu. O Márcio Hirata aproveitou para fazer uma análise da situação do trabalhador, a partir de uma geladeira "abastada".
2. O monitor pode pedir para os alunos trazerem rótulos, propagandas de produtos de supermercado ou mesmo de medicamentos. É o caso da Silvina, do Jardim Valo Verde, para quem a propaganda do açúcar União sugere uma receita de bolo.
3. Há todo um universo simbólico que pode ser explorado no trabalho da linguagem escrita - objetos de estimação, objetos ligados à vida e ao trabalho - enxada, sementes, terra, planta... Como exemplo, apresentamos a redação de Marina, "Meu anel".
4. Textos ligados ao cotidiano das pessoas: contas de água, de luz, contrato do terreno, placas, rótulos, bulas de remédios, documentos pessoais como registro de nascimento, carteira de trabalho.
5. A carta faz parte da vida dos alunos migrantes - eles sonham com o dia em que não vão mais precisar escrever "com a mão dos outros", como eles mesmos dizem. O Seu Luiz, mesmo estando no estágio alfabético, já escreve para os seus parentes no Nordeste.
6. Textos formais - livros didáticos, jornais, revistas. A pesquisa do monitor em busca de textos terá que ser permanente.
7. Textos da literatura erudita e da literatura popular - poesia de cordel, letras de música, ditados, lendas, alegorias, fábulas, adivinhações, quadrinhas, desenho, caricatura e também histórias em quadrinhos.

Daqui se conclui a necessidade de preparo do monitor para saber lidar com tantos textos misturados e escondidos na realidade do dia-a-dia.

- Recortes de revistas ou jornais.

O aluno escolhe, explica para o grupo o porque de sua escolha e em seguida escreve sobre o seu tema.



geladeira era e de gente rica
 pobre não pode compra quando
 pode compra não pode
 botar nada na geladeira
 por el não tem deiro
 so tem para compra comida
 para os fillo
 o pobre vai para frente
 quando leva topada.

Marcio de Jesus Firota

Propaganda - Sempre com a preocupação do debate e da produção de textos pelos alunos.

UNIÃO

açúcar
refinado
especial

1 kg
peso líquido

Bob caseiro

4 ovos

4 colher de manteiga

3 xícara de farinha de trigo

3 xícara de açúcar

2 xícara de leite

1 colher de fermento em pó

Silvina



compra

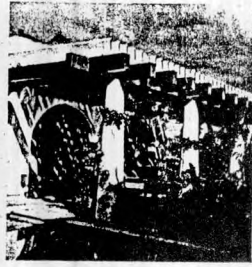
sem a compra representa
alimentos muita gente pode
fazer uma compra grande
mais muita gente não pode
porque tem muita coisa
mais quem não pode
comprar muita coisa
compra mais pouco
porque as coisas estão
muito cara mais o
povo com dinheiro é muito
o muito sem dinheiro é nada.

Valdir Carlos de Jesus

FEIJÃO Patense

O feijão é a comida do pobre
mais está cada vez mais cara.

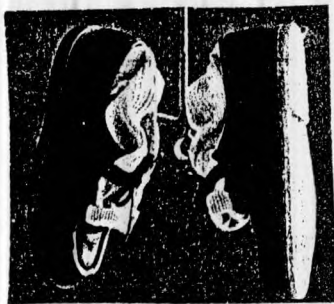
Silvina Fernandes



Embuê, 15 de novembro de 1990

Esta casa representa um dos meus sonhos eu sonho muito com uma casa grande e acabada com quarta para os meus filhos porque é muito ruim os filhos dormirem no mesmo quarto da mãe porque tira a liberdade do casal e também dos meus filhos.

Silvina Fernandes



Maria dos Anjos Lebrão
do Nascimento Costa

Sapato enpo para povo
baratin

O sapato é muito importante para o povo brasileiro.

Objeto de estimação: Importante trabalhar esse tema. Através de objetos, os alunos estarão resgatando a sua história, cultura, sua visão de mundo.

meu anel

Esse anel é o meu objeto de estimação
 É aí um presente que eu ganhei da
 meu pai
 Quando eu fui passear na roça
 esse meu pai está velho e doente
 Ele pediu que não desse fim desse anel
 É como uma grande brança que
 meu pai me deu
 não deu não vende nem troco
 por nada esse anel de estimação
 não é de ouro nem de prata
 é um simples anel de lata.

marina Oscar da Silva

EMBU, 10-12-90

Embu 28 de agosto de 1990
 amigo Joze ohti me pelo
 noticia ino mesmo tempo
 labor como va voce tufem
 po que gaça a za de su
 vamo nido bem ai
 É statu bem a Joze a que é s-
 ta tudo bem a te u fidonano -
 Eu vo para ai para
 fazer o tar casa po que -
 É sta casa vo denoli para
 faz o tara o vin a que
 não damasi para viver
 po pozi é so temi no con
 muta lenbarla para voce -
 itodoso ai Luiz Martins neto
 Purna da noite
 Monitoris Angela e Emileião

Carta: Os alunos migrantes esperam com ansiedade o dia em que já podem escrever cartas para os parentes. Esse tema tem que ser trabalhado com muito carinho pelos monitores.

- Propaganda - utensílios, objetos pessoais, eletrodomésticos, uma nota de dinheiro...



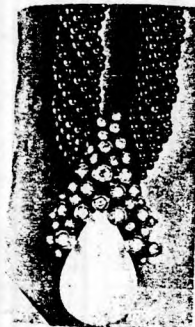
Hermozena

O dinheiro é para a gente comprar alimentos
com o dinheiro a gente compra tudo só
não compra a felicidade.

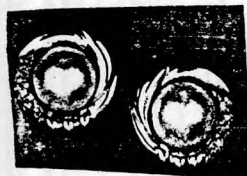
O aluno escolhe, recorta e escreve o que pensa.

Tudo serve de **pretexto** para que o aluno possa produzir o seu **texto**!

E, ao produzir o texto, ele estará fazendo uma leitura do **contexto** social, econômico, político que o cerca.



Eu acho bonito mais não posso comprar



na televisão as propagandas
são enganosas



os ricos pode tudo até enganar a pobre
maria aparecida almeida Santos

ATIVIDADES REALIZADAS
EM
SALA DE AULA

3ª Parte

ATIVIDADES

Essas atividades e jogos são feitos sempre a partir do texto ou do tema estudado e debatido entre todos.

Ao monitor cabe decidir quais as atividades que podem ser feitas por toda a classe, quais as que podem ser feitas em grupos e quais as que se adaptam a este ou àquele nível de conhecimento da escrita.

1. "IMAGEM E PALAVRA"

Recortar gravuras e colocar o nome:



2. ALFABETÁRIO E SILABÁRIO

ALFABETÁRIO COM FIGURAS E PALAVRAS:

1. Num cartaz onde aparecem as letras do alfabeto em maiúscula e minúscula, os alunos vão colocando, à medida que aprendem, palavras que comecem com

SILABÁRIO:

1. Quando o aluno já souber distinguir a sílaba pode-se construir com ele o silabário. A cada palavra nova ele separa as sílabas e as coloca no quadro, sem a preocupação de completar o quadro. O trabalho é um processo. Aos poucos, ele descobre as famílias silábicas.
 - pode-se montar o silabário fazendo pregas no papel, de forma que o aluno possa movimentar à vontade os cartõezinhos das sílabas para construir ou decompor palavras.
 - Vários jogos podem ser criados a partir desse silabário com cartões móveis. É um convite à criatividade dos monitores.

SILABÁRIO					
FOCAIS QUANTAS	A	E	I	O	U
B					
C					
D					
F					
G					
H					
J					
L					
M					
N					
P					
Q					
R					
S					
T					
V					
X					
Z					

2. RECORTE DE PALAVRAS EM ORDEM ALFABÉTICA

América
Alunos
Argentina
Aires
Aurora
Antunes
BANCO
Berto,
Baltasar
bancas
Brizola
Buenos

Vilma Santana Souza

09-05-90

Id. São Marcos

AMERICA
CEGO
DIANA
brigida

marcia Oprescida da S. pinto

Id. Isis Cristina

FILE
GIMBA
Hóspedes
INCLUSIVE
JÁ.CA
liga

Embleu 19-10-90

Embleu 23-10-90

EMA
FUBA
GATO
hora
LITA
ITA
Joana
KATIA
Mato
NAVIO
OVO
PAI
QUERO
RAIO
Sapo
TATU

Id. Isis Cristina

3. RECORTAR E CLASSIFICAR DE ACORDO COM O NÚMERO DE SÍLABAS

Embrú 23 de abril de 1990

escrever 5 palavras com uma sílaba:

Meu tão "Qual "Por Não

meu tão "qual "por não

escrever 5 palavras com 2:

sabor para sopas novas PELE

sabor para sopas novas pele,

escrever 5 palavras com 3:

beleza completa avião problema

beleza completa avião problema

semana

semana (monitona - Nice - S. Marcos)

escrever 5 palavras com 4:

ALMOFADA Apanhando Arremate **instrumentos** terminando

Almofada Apanhado Arremate instrumentos terminando



Embrú 23 de abril de 1990
escrever 5 palavras
com uma sílaba

São **por** Que Não **seu**
São por que não seu

escrever 5 palavras com
duas sílabas

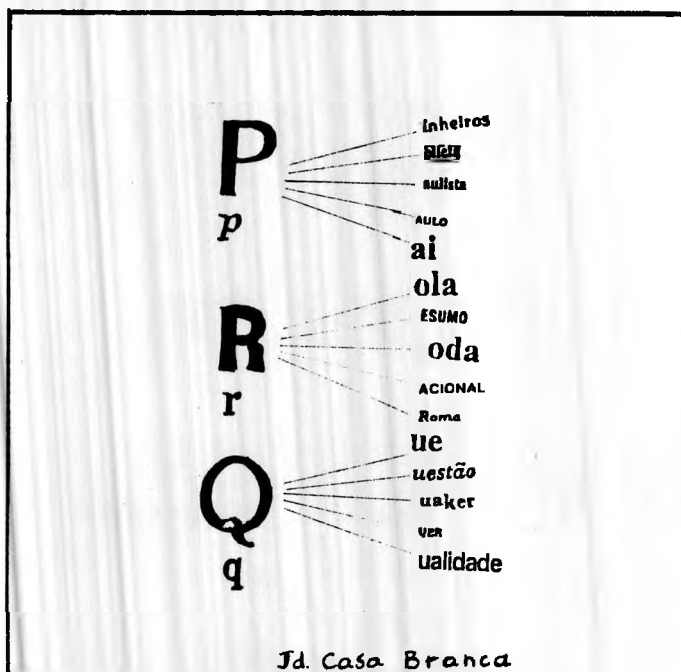
FAÇA **MAIS** **SEUS** **UMA**
faça mais seus uma

CADEIRA **Avião** **cruzado** **defesa** **bonita**
cadeira avião cruzado defesa bonita

terminando investindo Arremate **GUARDANAPO** penduradas
terminando investindo arremate guardanapo penduradas

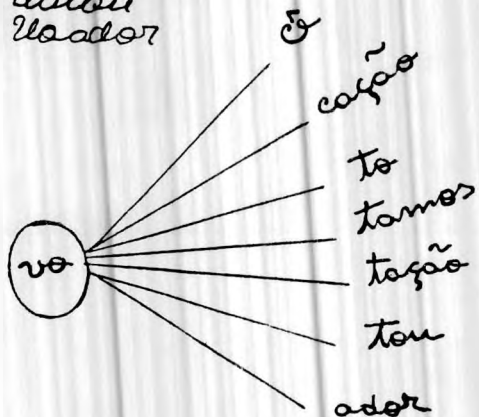
Sonia

4. FORMAR PALAVRAS



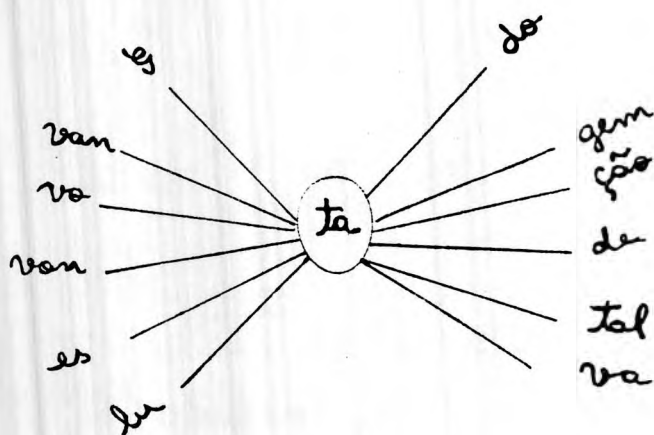
junte as sílabas e escreva as palavras

vo
co
cação
to
tamos
tação
ton
ador



maria milza

erto
montagem
tatação
montade
ertata
lutaola



Rodrigues marena

Embui 16 de outubro de 1990

5. ESCADINHA - PALAVRAS CRUZADAS - CAÇA PALAVRAS

São paulo 03 - 9 - 90 -
Escadinha com a letra A

A	S	2									
A	T	E	3								
A	L	E	M	4							
A	G	O	R	A	5						
A	C	E	S	S	O	6					
A	B	S	U	R	D	O	7				
A	C	O	N	T	E	C	E	8			
A	S	S	I	N	A	D	O	S	9		
A	S	S	U	S	T	A	D	O	R	10	
A	S	S	E	M	B	L	E	I	A	S	11

maria dos Prazeres de Paiva

Da Carta Aberta sobre Transporte Coletivo no Embu

nas			
um			
co	mo		
po	de		
a	pe	nas	
nas	ci	do	
ver	me	lha	
a	ma	re	la
es	ora	vi	zar

ana Rita Lima de Souza

Atividade feita a partir da poesia de
Milton Nascimento e Fernando Brant
"A cor do homem"

palavras com 1, 2, 3 e 4 sílabas

Gerson de Jesus Santos

C	O	S	I	N	H	E	I	R	A
F	A	X	I	N	E	I	R	A	
O	V	O							
F	E	S	T	A					

S	O	R	V	E	T	E
B	O	L	A			
M	E	D	I	C	O	
O	S	S	O			

E	N	G	E	N	H	E	I	R	O
C	A	C	H	O	R	R	O		
V	E	S	T	I	D	O			
O	L	H	O						
R	E	L	O	G	I	O			

Jose de Souza Xavier

O	N	I	B	U	S
P	O	R	C	O	
S	A	P	A	T	O
S	O	L			

Em 19 de novembro de 1990

nome Silvana Fernandes

Jogos de palavras cruzadas procuradas em formais:

1 Comunicação

2 Social

3 Trásas

4 maravilhas

5 Você

6 dedicadas

7 desenvolvimento

8 esperança

9 internacional

10 oferta



monitores Glória e Geada
Valo Verde



Grupo do Jardim Taima

F	R	A	N	C	I	S	C	A
H	E	L	E	N	A	B	D	O
E	M	A	R	C	E	L	O	X
S	A	I	A	O	N	V	R	D
P	R	R	/	G	E	N	I	O
E	I	O	V	O	D	/	O	N
D	A	E	U	N	I	C	E	I
I	A	C	E	U	N	/	Z	R
T	L	M	A	L	A	U	R	A
O	V	/	M	A	R	I	A	T
S	E	V	E	R	I	N	A	I
/	S	I	L	V	I	N	A	A

Descubra o nome dos alunos da classe

(11 nomes)

Jardim Casa Branca

J	O	A	C	I	V	I	D	A	S	P	O	V	O
A	O	V	A	D	A	M	A	Z	A	A	T	E	U
N	L	E	P	A	A	N	O	U	L	S	S	I	R
E	O	Z	I	D	M	A	O	L	A	T	O	M	O
L	O	V	M	E	V	A	S	O	S	O	L	A	S
A	L	Z	R	Q	I	M	C	A	P	A	D	D	A
A	A	V	I	O	O	S	V	R	T	A	O	I	
N	R	M	A	O	L	R	A	I	A	I	D	R	A
I	O	A	M	A	A	A	L	G	D	J	O	L	A
M	U	L	A	U	A	L	A	O	I	O	L	A	N
A	P	A	L	O	R	I	O	R	O	L	A	T	A
I	A	S	O	T	A	P	E	T	E	O	D	O	D
S	S	A	P	A	T	O	S	O	M	A	O	R	A

Caça-palavras colorido!

São 35 palavras aqui escondidas e de cores diferentes... Achou?

Jd. Casa Branca

São Paulo 29.08.90
maria das graças de paiva
palavras que começa com -"m"

maratões
município
mesmo e muito
mulher
metropolitana
morato
municipal
municípios

com a letra "A"

atendimento arrendando
assustado assume
acontece aumento
acesso acidentadas
absurdo
assembleias
agora
ano
acita
acompanhar
afem
altura
até
assinados

Embr, 18 de outubro de 1990
nome: Ana Irene Alves dos Santos

bloqueia blo

rebelde bel

Bahia ba

balanço ba

bomba bom

dobrado bra

saborosas bo

BARRA. bar

SABER ber

baixa bai

SETEMBRO de 1990 MARIA Socorro de Santana

S/no começo

SUNDOWN

sabor,

SEU

sua SOLAR

SOCIAL

Safári
sempre

salários

SOL

SAMUELLO

1 Spazio

S/no meio

POSITION

LOJISTA

ASPARTAME

consegue

CLASSE

Prosdócimo

AVISO

BRASIL

Mallson:

Memo

prisão

prestígio

custa

desafia

S/no final
através

puxadas

CONVECTORES

VENTILADORES

empresas

Bronzeadores
Filtros

MAIS

terias.

CARTEIRAS

boas

duas

TABOÃO DA SERRA

Embr 18 de outubro de 1990
Ana Rosa de Birra

CASA

ca

Secretário
controle
pacote

cre

com

co

TENDÊNCIAS

cia

chama
contra

cha

con

CONCENTRAÇÃO

centraliza

cen

TECNOLOGIA

cno

CARTA
PARCEL

car

ca

col

Collor

6. RECONHECIMENTO DE LETRAS, SÍLABAS... PALAVRAS

Os tipos de re:

LIBERDADE	REVOLUÇÃO	CARÁTER
marca	ronda	declarar
Perfeição.	ruas	ganhar.
VIRA	RESPOSTA	motor
HORAS	Radar	traidor
CARTÃO	RECEBA	VIVER
natureza.	rurais	MELHOR.
imortal	REPETE	PORTADOR.
Adorável	Rumo	fazer
mentiroso	riso	Leitor
América	Romário	cantar
		maior

Izoni Amoncio mlonis

maria Aparecida Silva Lima
São Paulo - 30-07-1990

SS	RR
ASSINATURA	Sorria.
disso.	Garrefour
fosse	SARRA
A ESSÊNCIA	CORRA
Assine	Ferraz
CLÁSSICO	SORRIR.
assim:	ARROZ
ISSO	
PASSPORT	

São Paulo 10-9-90
Fazer palavras com dois "rr"

Passarinho	cigarro
Passarola	malarrado
Passo	barriga
Passado	burro
Passado	errado
Passado	carreta
Passado	carro
Passado	carroça
Passado	marro
Passado	ferramenta

morte
carne
norte
Jordan
porta
marcoscarta
cartela
caramelo
fraternidade
marcia
parto

e lis Angela

TABOÃO DA SERRA

Para fixação da letra "H"

toalha	choque
toalha	choque
conhece	trabalhar
conhece	trabalhar
melhor	Guarulhos.
melhor	Guarulhos
Chegou	OLHO
Chegou	olho
sozinho.	VENHA
sozinho	venha

velma romigues Batista

7. CONSTRUÇÃO DE FRASES:

- Palavras tiradas de um texto estudado: Carta Aberta à população sobre a "TARIFA ZERO"

- Palavras escolhidas nos jornais:

1. minha família vai a cidade.
2. vou levar pão e leite para cada.
3. vou procurar emprego para você.
4. eu vou a escola para estudar.
5. meu filho vai a escola para estudar e aprender.

ana Rita Lima de Souza

frases formadas com palavras tiradas do jornalzinho da tarifa zero.

aposentados

Aposentados são pessoas que já trabalharam muito.

bancários

Os bancários são funcionários que ganham um bom salário.

Quêrcia

Quêrcia é um governador muito do safado.

grana

Eu estou precisando de muita grana.

Barriga

Minha barriga está variando e roncando.

8. RECORTE DE PALAVRAS QUE O ALUNO JÁ SABE LER

Embri 29 de maio 1990
Luz Marciana Rosa

as às telas todas

letras épocas

LANÇAMENTOS Histórias

Serres espécie

Clássico Strauss

Semana poesia

POESIA

AMIGAS

Embri, 6 de novembro de 1990
Alice Ferreira da Silva Melo

para morto

a nova NOITE

LADO Você fruta.

pela dia Teto Copa.

fio

Esta muito feil

Por eu já sei l

reta

Jogo

Fera

SOL

Roma

vai

Recorte e cole nesta folha palavras que você já sabe ler.

monitoras - Glória e Ceida - Valo Verde